

SUMÁRIO

BOLETIM DA CMF Nº 43

JUNHO 2009

ISSN: 1516-1781

Editorial	2
O guerrilheiro da cultura popular	3
<i>Joãozinho Ribeiro</i>	
Nelson Brito: guerrilheiro da cultura popular	3
<i>Elisene Casto Matos e Flávia Andresa Oliveira de Menezes</i>	
Quando os cazumbás saem por aí.....	5
<i>Elisabeth Bittencourt</i>	
Casa de artigos religiosos	7
<i>Thiago Lima dos Santos</i>	
Reminiscências: Rua do Sol	9
<i>Carlos de Lima</i>	
Mãe d'Água	11
<i>Reinaldo Freitas Soares Junior</i>	
Maio, mês de Maria – Ladinha de N. Senhora	12
<i>Zelinda Lima</i>	
Mineiros e umbandistas católicos	13
<i>Fabrine Pereira de Brito</i>	
Virou crente: sincretismo e mudança de religião em populações afro-brasileiras	14
<i>Mundicarmo Ferretti</i>	
JANELA DO TEMPO	
Festa do Divino Espírito Santo na Casa de Rosa Guardamor	15
<i>Ruben Almeida</i>	
RESUMOS E RESENHAS: Monografias de Especialização em Jornalismo Cultural	15
<i>Ester Marques</i>	
NOTÍCIAS	18
<i>Roza Santos</i>	
PERFIL POPULAR: Mestre Antonio Vieira	20
<i>Nívea Saraiva</i>	

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF

CNPJ 00.140.658/0001-07

DIRETORIA

Presidente: Maria Michol P. de Carvalho
Vice-presidente: Roza Maria dos Santos
Secretária: Nizeth Aranha Medeiros
Tesoureira: Lenir Pereira dos S. Oliveira

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Orlando de Lima
Lenir Pereira dos S. Oliveira
Maria Michol P. de Carvalho
Mundicarmo M.R. Ferretti
Roza Maria dos Santos
Sergio Figueiredo Ferretti
Zelinda de Castro Lima

EDIÇÃO

Mundicarmo M.R. Ferretti
Roza Maria dos Santos

REVISÃO DE TEXTO:

Antonio Regino de Carvalho Neto

DIAGRAMAÇÃO:

Riba Silva

VERSÃO INTERNET: www.cmfolclore.ufma.br

Correspondência

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE
CASA DE NHORIZINHO
Rua Portugal, 185 – Praia Grande
CEP 65010-480 – São Luís-Maranhão
Fone: (0xx98) 3218-9952; (0xx98) 3218-9951

As opiniões publicadas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não comprometendo a CMF

Editorial

O Boletim 43 registra com pesar duas grandes perdas para a cultura popular do nosso Estado: o falecimento de Nelson Brito, do LABORATE, homenageado pelo poeta Joãozinho Ribeiro e relembrado por Elizene Matos e Flavia Andresa Mendes; e o desaparecimento do mundo dos vivos do compositor Antonio Vieira, retratado por Nivia Saraiva em *Perfil Popular*.

O numero 43 começa com a ladainha de Nossa Senhora, trazida por Zelinda Lima, rezada no mês de maio em várias instituições católicas e em família e repetida quase o ano todo nos terreiros de religião afro-brasileira da capital. Em *Janela do Tempo* Ruben Almeida, membro-fundador da CMF, faz também referência a antigos festejos do *Divino Espírito Santo* em São Luís que, embora realizados no dia de Pentecostes, são também organizados nos terreiros em quase todos os meses do ano. Nesse mesmo número; Carlos Lima, em *Reminiscências*, fala sobre a *Rua do Sol*, uma das mais importantes do centro de São Luís; e Elisabeth Bittencourt reflete sobre o bumba-meу-boi do Maranhão, destacando na brincadeira a figura do *cazumbá* (também conhecido por *cazumba*).

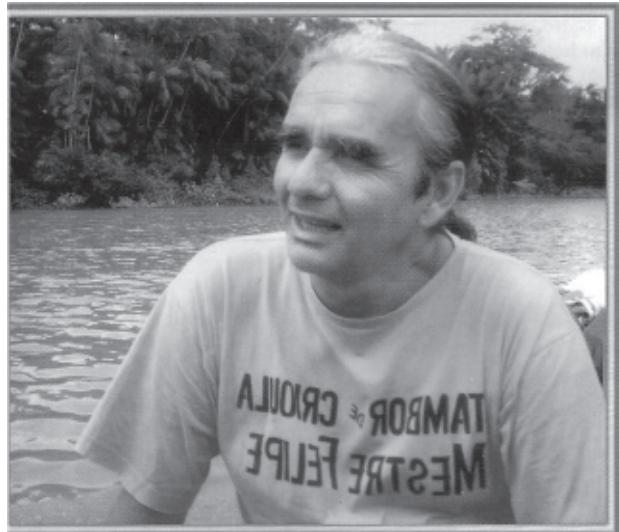
Continuando a tratar sobre cultura tradicional e religião popular do Maranhão Reinaldo Soares Junior mostra a atualidade da crença em *Mãe d'Água* na região de Cururupu; e Thiago Santos relata observações realizadas em casas de comercialização de produtos religiosos, mais conhecidas como lojas de umbanda. Dois outros artigos do Boletim 43 giram em torno das relações entre religiões afro-brasileiras, catolicismo e protestantismo. Fabrine Brito analisa o pertencimento dos mineiros e umbandistas ao catolicismo e Mundicarmo Ferretti trata sobre experiências de membros de terreiros afro-brasileiros com o protestantismo e fala de preconceito de evangélicos para com a cultura popular.

Resumos e Resenhas disponibilizam aos nossos leitores resumos de monografias defendidas em 2008, no Curso de Especialização em Jornalismo Cultural da UFMA, coordenado por Ester Marques. E em *Notícias Roza Santos* apresenta os novos dirigentes de órgãos de cultura do estado e do município e informa sobre os principais eventos da área ocorridos no 1º semestre de 2009 incluindo: congressos, simpósios, lançamento de publicações, exposições, apresentações musicais e eventos teatrais.

Como ocorreu com o numero anterior, o Boletim 43 não foi impresso e distribuído em eventos de cultura popular ou enviados pelo Correio a pessoas cadastradas e só pode ser encontrado no site da CMF. Essa mudança foi motivada em parte pelo crescimento dos usuários de INTERNET e em parte porque a CMF deverá publicar ainda em 2009 uma coletânea de artigos divulgados nos boletins de número 21 a 41 (de dezembro de 2001 a agosto de 2008), semelhante a organizada em 2003, com o título *Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão*, com matérias selecionadas dos boletins de 1 a 20 (de agosto de 1993 a agosto de 2001). Agradecendo o apoio recebido desejamos a todos boa leitura.

O guerrilheiro da cultura popular¹

Joãozinho Ribeiro



Emudeceram os tambores
Calaram o cacuriá
A roda de capoeira
Não consegue mais girar
Foi-se embora um grande amigo
Pai de família exemplar
Nelson Brito guerrilheiro
Da cultura popular!

O LABORARTE está de luto
Do fofão o ulalá
Não se escuta, só se ouve
O seu triste soluçar
Enquanto o choro dos céus
Escorre na terra a clamar:
Nelson Brito guerrilheiro
Da cultura popular!

As águas de março em janeiro
Parecem anunciar
Um convite irrecusável
Pro guerreiro descansar
Será Terezinha Jansen?
Ou Felipe de Sibá?
Nelson Brito guerrilheiro
Da cultura popular!

Vai, meu velho companheiro,
Teu exemplo ficará
Como um grande brasileiro
Que fostes e sempre serás
A rosa da tua vida
Em nós jamais murchará
Nelson Brito guerrilheiro
Da cultura popular!

¹ Distribuído no velório de Nelson Brito e divulgado na INTERNET em 13/01/09, por Abmalena Sanches - abmalenass@hotmail.com .

Nelson Brito: guerrilheiro da cultura popular²

Elisene Casto Matos³ e Flávia Andresa Oliveira de Menezes⁴

Nascido em 1953, o ator e diretor teatral Nelson Brito foi figura de destaque tanto na cultura popular como nas questões sociais que envolvem o teatro maranhense. Bacharel em Comunicação Social, com especialização em Jornalismo, Nelson foi muito incentivado por sua mãe, Dona Lucinda, a se relacionar com o mundo da cultura e das artes. Iniciou sua carreira nas artes cênicas em 1969, com um curso de iniciação teatral com o teatrólogo Reynaldo Faray, o que resultou em sua entrada para o grupo TEMA (Teatro Experimental do Maranhão), principal grupo de teatro naquela época. Fez ainda outros cursos, como interpretação, direção, iluminação e teatro de bonecos. Durante os seis anos que esteve no grupo, ele, juntamente com um elenco mais ou menos fixo de atores maranhenses, produziram intensamente diversos espetáculos de teatro infantil e adulto, chegavam a ser seis espetáculos ao ano. Lá também se envolveu com a parte de iluminação, contra-regra e cenotécnica.

No entanto, mesmo com um aprendizado intenso, intuitivo, prático e com a orientação de Reynaldo Faray, Nelson Brito não encontrava no grupo TEMA oportunidade para atuar em outras expressões cênicas, o que favoreceu sua entrada e permanência no LABORARTE (Laboratório de Expressões Artísticas do Maranhão), até os últimos dias de sua vida, como descreve em entrevista no livro “Memória do Teatro Maranhense”:

Quando vim para o LABORARTE, vivenciei uma forma diferente: em primeiro lugar, na montagem dos espetáculos, procurava-se o que montar, fazer o roteiro numa discussão coletiva, depois, ter uma atuação mais participativa na montagem. Um trabalho mais dirigido para a rua. Comecei a ter um aprendizado de rua e de bonecos. Eram coisas novas que eu ainda não tinha trabalhado.

Diferente do trabalho no TEMA, onde o enfoque era apenas na atuação para palco e montagem dos textos selecionados pelo diretor do grupo, no LABORARTE Nelson Brito, ao lado de pessoas como o teatrólogo Tácito Borralho, passou a contribuir na constru-

ção dos roteiros dos textos que seriam encenados, o que acredita-se ter sido o ponto inicial para seu trabalho como escritor de teatro, dentre os textos que escreveu cita-se: “Súditos da Folia”, 1986; “Te Gruda no meu Fofão”, 1992 e “A Saga de Casemiro Coco”, 1997.

Por certo, o LABORARTE, fundado em 1972, surge com uma proposta de confronto ideológico em relação ao TEMA, possuindo inclusive, departamentos de produção em várias áreas artísticas, a citar cênicas, plásticas e música, e tendo o teatro como carro chefe, pois em geral essas áreas atuavam como apoio aos espetáculos. Outras características que destacaram o LABORARTE foram: a presença da cultura popular, bem como o trabalho com as questões sociais, inseridos nas apresentações do grupo.

Assim esse grupo atuou diretamente na organização do Movimento Teatral no Maranhão, enquanto Federação e Nelson Brito como um militante pelas políticas culturais dessa área assumiu diversas funções, assim como os outros membros do grupo. Dentre elas, ele foi secretário da ABTB (Associação Brasileira de Teatro de Bonecos), em 1981 e 1982; tesoureiro e diretor regional da CONFENATA (Confederação Nacional de Teatro Amador), de 1984 a 1989, e foi também presidente da Federação de Teatro Amador do Maranhão duas vezes, em 1984/85 e 1989/90.

A FETAMA (Federação de Teatro Amador do Maranhão), criada em 1977, devido à sua grande atuação e necessidade de afirmar-se acabou assumindo alguns compromissos que seriam obrigações do Estado, como a realização de Mostras de Teatros e curso de capacitação para ator, desta forma, foi muito importante para o movimento teatral daquela época, pois esses eventos acabavam fomentando a discussão a respeito da produção teatral do Estado, que era também apoiada pela veiculação de jornais impressos sobre o tema.

Nelson Brito, participante ativo de todos esses movimentos, relatou qual o retorno que o teatro lhe deu:

“Eu estou vivo, andando, e a base de tudo isso foi esse movimento de arte que me deu. Não especificamente o teatro se eu estiver pensando como ator e diretor. O conjunto, o trabalho de arte é que me mantém. Quanto à questão emocional, há muitos anos não consigo pensar minha vida de outra forma, a não ser trabalhando com o movimento artístico, da forma mais plena possível.”

Ele considerava o teatro como uma arte comunitária que necessita diretamente de pessoas para ouvir, assim, não desconsidera que se trata de um processo lento, demorado, porém nisto existe um sentido de fazer teatro, o qual ele descrevia que era sua forma de ‘dizer’, de ter individualidade intelectual e de interferir na cidade, no Estado, no País.

Daí ter sido escolhido também para desempenhar papéis públicos, como presidente da Fundação Municipal de Cultura, de 2001 a 2002. Neste período coordenou o Festival Internacional de Música acontecido em 2002. De acordo com o jornal impresso do LABORARTE também:

Foi coordenador e co-autor do projeto ‘Carnaval de Rua’, da Fundação Municipal de Cultura, de 1994 a 1998; Diretor do Teatro Arthur Azevedo no período de 1987 a 1989, Coordenador de Cultura da Fundação Municipal de Cultura no período de 1993 a 1998” (2009, p.04)

Nos últimos anos, Nelson Brito e todo o conjunto de artistas do LABORARTE, destacaram-se na cultura popular através de espetáculos de rua, que para ele tinha grande força e em consequência conquistou um público muito maior que o espetáculo de palco, a exemplo do *bumba-meу-boi*, e mais especificamente enquanto produção do grupo o *cacuriá de Dona Teté*, que possui grande destaque nas festas do período junino, e que resultou, segundo ele, em quase vinte brincadeiras no final da década de 80.

Nelson Brito assumiu a coordenação geral do LABORARTE em 1979, e foi reeleito diversas vezes, e somente em 2001 decide sair dessa função⁶ pra assumir apenas a coordenação do setor de Artes Cênicas.

² Título retirado do poema “A Morte de um Guerreiro”, do poeta e Secretário de Joãozinho Ribeiro. (Ver p. 2).

³ Pesquisadora e Licenciada em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas e mestrandia em Ciências Sociais, ambos pela UFMA.

⁴ Pesquisadora e Licenciada em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas pela UFMA.

⁵ Entrevista Nelson Brito. In: LEITE, Aldo. *Memória do Teatro Maranhense*. São Luís: EDFUNC, 2007, p 240.

⁶ Foi sucedido por Rosa Reis.

CONTINUAÇÃO

Durante todo este período atuou como diretor, ator, dançarino e algumas vezes também como escritor de espetáculos. Em sua trajetória com o grupo montaram diversos espetáculos que participaram de festivais nacionais e locais; executaram projetos no prédio do LABORARTE como o “Tarde no casarão” (1993), o “Sexta no Labô” (1997, 1999 a 2006) e o Iê Camará – Encontro de Capoeira Angola (1993, 1995 a 1997 e 2002); bem como criaram um calendário fixo de atividades que abrange o Rompendo o Aleluia, que acontece desde 1984, o Carnaval de 2ª, desde 1989 e mais recentemente, desde 2005, o Aniversário de Teté e etc.

Também idealizou uma série de projetos patrocinados mais recentemente por grandes empresas a exemplo da Vale do Rio Doce, como é o caso dos projetos “Vale um papo Cultural” (2007 e 2008), que segundo Rosa Reis, tinha uma atenção especial do Nelson, pois foi realizado nos municípios, e tem por objetivo uma conversa com as pessoas envolvidas com cultura nestas localidades, bem como a oferta de cursos de Empreendedorismo cultural e de Elaboração de Projetos para captação de recursos.

Destaca-se ainda o “Caravana Laborarte”, que durante um fim de semana leva diversas atividades a comunidades por onde passam os trilhos da Vale, como oficinas de teatro, dança popular, bijuterias, etc, durante o dia e shows do grupo durante a noite. Nelson atuava ainda como coordenador do “Ponto de Cultura”, projeto patrocinado pelo MINC, aprovado em 2005 e conveniado em 2007, que oferece a crianças e adolescentes oficinas de dança popular, teatro, percussão, tambor de crioula e informática e antes do seu falecimento estava trabalhando na execução do projeto de “Ação Griô”, que trabalhará junto a Escola Modelo com os mestres da cultura popular Gonçalino, Zé Olhinho, Roxa e Patinho e mais o “Griô Aprendiz” que seria Nelson Brito, o qual foi substituído pela atriz e dançarina Aicram.

Nelson era muito ligado a cultura popular, tanto que deve muito de sua formação nesta área a convivência que teve com algumas das figuras que trabalham a frente desses grupos, como ele mesmo declarou à revista Conexões Urbanas, estes foram:

(...) referências decisivas para a sua formação cultural como Mestre Felipe (tambor de crioula), Dona Teté (cacuriá e Divino Espírito Santo) e Mestre Patinho “tem ain-

da quatro mestre que contribuíram fortemente na minha formação: Apolônio Melônio, Leonardo, Bico de Brasa e Tabaco. Como cultura é uma coisa que você está sempre aprendendo eu cito também Mestre Gonçalino do tambor de crioula e o Mestre Zé Carlos, do Pela Porco”.

Desta forma atuou como produtor de Cd's, dentre eles “Cacuriá de Dona Teté”, “Tambor de Crioula de Mestre Felipe”, “Te gruda no meu fofão” e também esteve ligado a produção dos 4 CDs resultados do projeto “Brincando no Arraial”, do qual foi coordenador.

Em sua vida pessoal ao lado da sua esposa Rosa Reis sempre levava as discussões políticas e conversas sobre a cultura para o recinto familiar o que ficou marcado pela participação natural de suas filhas nestas conversas e nas atividades do LABORARTE, desta forma cada uma delas desenvolveu mais fortemente um traço ligado às artes e a cultura, apesar de as três serem dançarinhas do cacuriá e de certa forma estarem ligadas ao planejamento e coordenação das atividades do grupo. Rosa Reis em entrevista destacou bem estas características. Assim, Imira é a mais ligada a produção cultural, sempre esteve ao lado do pai na administração da casa e na coordenação de alguns projetos do grupo, Luana, mais ligada à dança e ao teatro, destacando-se por sua expressividade cênica, e Camila, dedicada ao canto, a música e as discussões políticas, e ainda destaca-se a participação de Nelson como professor de capoeira no grupo. Tal formação familiar é reconhecida pelas filhas e foi expressada por Imira Brito em um texto de sua autoria:

MEU HERÓI

Meu herói enfrentou as adversidades no caminho e foi ao meu encontro.
Meu herói me carregou no colo e me chamou assim, filhona.
Meu herói foi dedicado e passou noites em claro por minhas enfermidades

Meu herói era carinhoso e complacente.
Meu herói insistiu comigo, me viu longe, e por isso eu cheguei até aqui.
Meu herói teve dúvida, mas não hesitou e recebeu meu filho como seu

Meu herói era trabalhador e não tinha lida que ele não desse conta ou que não soubesse
Meu herói era forte como um touro e suportou as calúnias que lhe lançaram
Meu herói era honesto e seu caráter tem o mesmo valor que o de um diamante bruto

Meu herói nem sempre foi palhaço, mas tinha o dom de levar alegria aos outros
Meu herói não acreditava em Deus, acreditava que podíamos ir mais longe, ser mais
Meu herói não era tão grande, mas sua humanidade era descomunal, gigantesca

Meu herói não usava máscaras, ou roupas coloridas, nem ocultava sua identidade
Meu herói era amor, fraternidade, amizade, companheirismo, simplicidade...
Meu herói era meu amado pai, Nelson
De sua filha amada, Imira Brito

Desta forma percebe-se que a continuidade do trabalho de Nelson foi bem encaminhada. Como grande pilar do Labô – como é popularmente conhecido o LABORARTE – ao qual ultimamente dava dedicação exclusiva, e membro do Conselho Estadual de Cultura, deixa aos 55 anos uma trajetória de vida que marcou não somente o teatro maranhense, mas as causas sociais e políticas que envolvem a cultura popular deste Estado. Deixa além de sua família, inúmeros amigos, artistas e admiradores.

Tal destaque teve em consequência uma despedida, marcada por apresentações de grupos de tambor de crioula, rodas de capoeira e apresentação do bloco Fuzileiros da Fuzarca, como a certeza de que este artista foi um dos mais representativos homens da cultura popular do Maranhão.

BIBLIOGRAFIA

LABORARTE Notícias, São Luís, abril de 2009 – N- 1

LEITE, Aldo de Jesus Muniz. Memória do Teatro Maranhense. – São Luís, EDFUNC, 2007.

SALLES, Écio. Perfil: Nelson Brito, mestre das artes, de brincar, interagir, criar. Revista Conexões Urbanas.

LABORARTE, 18 anos de idealismo atuante. VAGALUME, Suplemento Cultural do SIOGE. Ano III, nº 12, Nov - Dez 1990.

ASCOM-SECMA. Cultura de luto: Nelson Brito falece em São Luís. In: <http://www.cultura.ma.gov.br/2009/1/12/Pagina376.htm>

SANTIAGO, Paulo Rubem. Nelson Brito: um maranhense cidadão do mundo. In: <http://paulorubem.blogspot.com/2009/01/neso-brito-um-maranhense-cidado.html>

CULTURA de luto: Nelson Brito falece em São Luís. In: <http://www.jornalpequeno.com.br/2009/1/12/Pagina96195.htm>

QUANDO OS CAZUMBÁS SAEM POR AÍ...

Elisabeth Bittencourt⁷

IOlimpo dos gregos abre a cena apresentando uma teodicéia fértil, em que os deuses habitam o mundo dos humanos.

É pela fala grega que os deuses aparecem reluzentes, cheios de ecos, anuncianto a visão que o horror e o belo consagraram da existência humana, transfiguração de “pavores e sustos da existência” (NIETZSCHE, 1977, p. 201).

Memoriais do horror e do inescrutável que nos ronda no dia-a-dia.

É do mundo intermediário olímpico – do reino do entre – que os gregos tiram o substrato para suportar - ao mesmo tempo – o terror, que o absurdo do viver fulgura, e a revelação da eterna alegria, que do fundo a vida nos anuncia, transitória e poderosa, iluminando a tragédia do estar no mundo.

A tragédia de *fazer parte* desse espetáculo desejante que a vida, por anunciar a morte, “resplandece”, como diz Lacan (1988, p. 354), fazendo ecoar um travo de amargor que insiste em se insinuar na mais tenra felicidade.

Fio do horror que traz em sua rabiola – saltitante como uma pipa colorida de papel no ar – o horrível. Haveria alguma coisa de belo no horrível?

O horrível traz à cena a estranheza que inquieta. Abre Outro umbral de sensações. Ilumina sombras, suportes, máscaras de que o sinistro precisa para poder se “monstrar”... (WEILL, 1987, p.11).

O sinistro ganha uma possibilidade de ganhar uma forma, incipiente, mas mesmo assim uma forma, capaz de trazer à tona o que de mais estranho há em nosso “intimus”, que em seu superlativo quer dizer o mais interior, profundo, secreto, recôndito, que atua no interior (FERREIRA, 1986, p. 961).

Se o belo traz o sentido do absoluto numa sensação que se sente uma, harmônica, esférica – experiência que corresponde, que afirma o belo, dissociado do horrível –, a experiência do estranho fissura essa unidade, revelando a falha que o imaginário quer esconder.

Freud, ao recortar o conceito de *unheimlich*, o “estranhamento familiar”, expõe uma estética em que o belo perde sua primazia se conjugando com o horrível, trazendo à cena o equívoco (FREUD, 1976, p. 277).

O horrível, fruto do equívoco que o “estranhamento familiar” traz, expõe a fenda do inconsciente, divide, duplicando o eu, apresentando um outro patamar do sentir: o horror, como preferem os antigos, ou o terror, como preferem os armamentistas.



Foto: Sérgio Feretti

Diante do horror, o único recurso possível é o grito, um “som ligeiramente dolorido” (CUNNINGHAM, 2003, p. 50) que ecoa no silêncio do dia. Somente o som do horror ecoa diante do emudecimento do ser que nesse instante “padece do significante” (LACAN, 2001, p. 149). A palavra falta...

O equívoco passa a ser então esse lugar topológico que “oculta e desvela o horrível em um só tempo”. Lugar de inseminação de interrogações: um querer saber do “enigma da semelhança” e da “diferença do avesso” (FRANÇA, 1997, p. 131-132).

A arte, este campo de produção ficcional, teima em apostar que é possível criar... rendinhas face ao vazio, como no hipopótamo de Salvador Dali ou em qualquer outra coisa, tanto faz, representações em torno do vazio.

A arte, que se alimenta de equívocos, vive a buscar Olimpos, suportes, seres inventados, seres falantes que suportem sustentar a voz dos deuses, aquela que o cristianismo quis exterminar, conforme Lacan anunciou no seminário da ética (LACAN, 1988, p. 314).

No Olimpo da cultura afro-maranhense surge um ser inventado do reino do entre – entre os espíritos e os humanos –, o Cazumbá.

Efeito do equívoco que o “estranhamento familiar” promove no belo, surge esse personagem que, apesar de existir “pra brincar” – como disse “seu” Abel⁸, mestre na arte de cazumar-, ilumina no outro um olhar, uma inquietação, amalgama que reluz uma nuance sinistra, que nos ameaça e nos alegra ao mesmo tempo! (FREUD, 1976, p. 277).

Mas... Como diz seu Abel, disso ele não sabe, não. Para ele, o Cazumbá foi feito pra fazer graça...

E como fui eu que vi, vou precisar me explicar, mas não muito, porque, se explicar muito, é “seu” Abel quem diz, corro o risco de “perder a noção da coisa”, que perdida já está. Afinal, a coisa da arte só não pode ser representada por Outra coisa?

Inusitado, nem homem, nem mulher, nem bicho, nem coisa, o Cazumbá é “inédito e é pra brincar”. A sua graça vem desse lugar que usa uma “careta” que não se diz totalmente. Nem macho, nem fêmea. Nem bicho, nem gente.

O Cazumbá é mais um que habita o reino do entre, entre os humanos e os animais. Entre-duas-mortes. Esse “entre” fomenta a fascinação que habita o campo de transição: entre os homens e os espíritos. Transição dos humanos para o mais-além do saber (LACAN, 1988, p. 327).

De uns tempos para cá, o Cazumbá ganhou o mundo, e as pessoas insistem em querer desvendar seu enigma. Seu Abel, como “não viu o começo”, só sabe explicar que o Cazumbá é “pra brincar”; dessa história de espírito que vem da palavra de origem ele não sabe não.

Cazumbi, Zumbi, Nzumbi. Originário do Kibundo Nzumbi (macrogrupo etnolinguístico Bantu), é um espírito que se supõe estar pelo mundo participando com os vivos (LODY, 1999, p. 6).

Mais uma vez, “seu” Abel diz que fui eu que vi que Cazumbá é para fazer graça, daí a careta: “A gente não pode fazer uma graça sem ter uma careta”. Ele insiste: “o Cazumbá é pra fazer alegria e medo nas pessoas que estão assistindo, essa história de espírito são eles que dizem”.

O Cazumbá provoca nos outros uma espécie de encantamento em que o enigma se conserva: espaço de ficção recheado pela angústia. Não conseguimos decifrar aquela

⁷ Psicanalista e Psicóloga carioca de nascimento e maranhense de coração.

⁸ Abel Teixeira nasceu em 19 de novembro de 1939, artista que faz a “careta” do Cazumbá.

CONTINUAÇÃO

imagem, que se beneficiou do caráter tosco e irregular das máscaras africanas, que nos aparece, inusitada, juntando elementos aparentemente tão dessemelhantes.

A distorção da expressão anatômica e facial da careta do Cazumbá faz com que algo da ordem do estranho se pinte. A brincadeira passa a ser então o espaço topológico que permite uma passagem para a ordem intermediária: entre os humanos e as forças desconhecidas que nos rodeiam.

É isso, essa que é a brincadeira. O Cazumbá, por não ser decifrável, tem na estranheza sua potência. Potência de representar imagens, de colocar em cena o jogo do enigma da semelhança e do avesso da diferença.

O nosso eu, que pensa que é o tal, se assusta. Se assombra. São os fantasmas que habitam o reino do dentro de cada ser. O fantasma de dentro, aquele que cada um de nós criou para traçar sua própria trilha, neste mundo belo e difícil de se achar, num certo lugar.

Mas voltando ao Cazumbá, este, por ser arte, produção da cultura afro-maranhense, revela um estilo. Pegada identificatória que promove circulação no espaço da Brincadeira da nação Brasil. Segundo Hermano Viana: "Nesse espaço, tudo circula: pedaços de melodias, versos, instrumentos musicais, detalhes de indumentária; trechos de encenações teatrais". (VIANA, 2003).

Artefatos da arte popular, matéria-prima na produção da Brincadeira. Brincadeira é uma nomeação que o povo deu aos "folgueiros populares, folias, autos e festas". Quem comemora nas praças, ruas e ladeiras da nação Brasil sabe o que é festejar a vida nas ruas, se misturando com os vagabundos que vivem em torno das cidades (VIANA, 2003).

O espaço da Brincadeira, como em Rabelais, dissolve as distâncias, permite a entrada dos excluídos, estica os limites do suposto real do cotidiano. Fissura o absoluto, transgride.

Homens podem ser mulheres, mulheres brancas podem se sentir negras pela escravidão do trabalho, gente pode virar animal, Cazumbá pode aparecer para assustar e alegrar. É como diz seu Abel: "Quem dá sentido é o outro. Eu faço a careta, acho que parece com um cachorro, mas não digo nada. Aí quando alguém fala: 'olha, parece um cachorro', aí eu começo a latir"⁹

Com isso, seu Abel já me deu a dica de que, na Baixada Maranhense, o de que se trata é de um estilo que se faz, no qual a troça e a provocação dão o tom da brincadeira. A maneira como cada povo cria a sua arte – e a geografia importa –, quando se trata de recortar territórios culturais da Brincadeira.

Uma coisa seu Abel não pode negar: a "careta" do Cazumbá vem da arte negra, berço de onde ele vem, lá de Lajedo, povoado de Viana, Baixada Maranhense, onde o que não falta é magia e brincadeira, e muita, muita arte...

Falta pão, não falta magia que ressoa no corpo, efeitos da percussão dos tambores num corpo que é também brasileiro.

Como falar de um corpo que é também brasileiro? Ou seja, um corpo que já nasceu num certo embalo, da mãe que embala e do ritmo que nossa cultura faz pulsar? E isso só para lembrar que por lá, é tempo, todo ano tem, de pandeirões, tempo do bumba-me-boi, bumbá.

Um corpo que nasce nesse caldeirão de ritmos se particulariza na cultura universal. Joãozinho Trinta (1985, p.24-25), num encontro com psicanalistas, disse que os que se envolvem de perto com a dança popular possuem seu corpo. Ou seja, não são possuídos pelo corpo. Ou melhor, não são despossuídos.

O Cazumbá existe então para presentificar que nós, os seres humanos, somos feitos de uma mestiçagem de substâncias tão heterogêneas quanto aquelas que constituem nosso corpo. Esse corpo que parece não se acomodar bem nele próprio.

Mas o que o Cazumbá quer mesmo presentificar é a arte, no sentido da catarse, pura descarga, efeito de alegria, meio de produção que por aqui e lá é abundante. Às vezes penso que esta é mais abundante com aqueles que não têm quase nada a perder. Mas

sempre concluo que isso é romantismo meu.

O Cazumbá, essa figura especial, nascido na Baixada Maranhense, serve de suporte para dar "forma aos nossos terrores e nossos desejos", cumprindo assim o que Picasso dizia ser o sentido próprio da arte (PI-CASSO apud GOLDING, 1974, p.158).

Só que – e isso é importante – ele se faz de uma matéria-prima em que a troça, a alegria, a provocação, os tambores e a dança, é claro, são o seu fermento, presenteando-nos com aquilo que há de mais ético num artista: seu estilo.

Para terminar, quero revelar que o maior gosto que o Cazumbá me dá é a possibilidade de me surpreender. De me lembrar da infância, tempo em que a surpresa de viver constrói o cotidiano. Nós, herdeiros da idolatria do saber, tentamos tampar aquilo de que a surpresa se alimenta: a falta de saber que nos constitui.

Nós, brasileiros, o que podemos então – além de fazer samba nas limitações – é tecer uma disponibilidade interna para a surpresa. Despossuídos de um certo saber, talvez possamos conservar aquilo que considero uma ética para o próximo milênio, a possibilidade de se espantar.

Em um mundo onde a exclusão dos que estão fora do mercado passa a ser uma necessidade do próprio mercado, que reina absoluto, nada mais espanta.

Ainda bem que existem os Cazumbás, que, rodopiando, nos prometem que no próximo milênio vão continuar a nos espantar. O espanto é a nossa esperança para o futuro...

REFERÊNCIAS

- CUNNINGHAM, Michael. *As horas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FRANÇA, Maria Inês. *Psicanálise, Estética e Ética do Desejo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FREUD, Sigmund. "O estranho". In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17.
- GOLDING, John. *Picasso y el surrealismo*: Picasso 1881-1973. Barcelona: Gustavo Gili, 1974.
- LACAN, Jacques. *A ética da psicanálise*. In: O Seminário – Livro 07: Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LODY, R. *Cazumbá. Máscara e drama no boi do Maranhão*. Museu do Folclore Edison Carneiro, Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *O nascimento da tragédia no espírito da música / O belo autônomo*. Organização e seleção de textos. Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: UFMG, 1977.
- RABELAIS, François. *Gargantua*. Trad. Aristides Lobo. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- TRINTA, Joãozinho. *Psicanálise Beija Flor*: Joãozinho Trinta e os analistas do colégio. Rio de Janeiro: Taurus, 1985.
- VIANA, Hermano. *Ser outra coisa*. Disponível em: <http://www.mundoaocontrario.com.br> Acesso em: 12 fev. 2003.
- WEILL, Alain-Didier. *Fim de uma análise, finalidade da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

⁹ Fragmento da entrevista feita com Abel Teixeira.

CASAS DE ARTIGOS RELIGIOSOS¹⁰

Thiago Lima dos Santos¹¹

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre cultura afro-brasileira são muito variadas e tentam dar conta da presença desta em vários âmbitos da cultura nacional. Música, dança, estética e culinária são indiscutivelmente resultados de processos de sincretismo cultural. A análise do sincretismo no plano religioso pressupõe a interpretação de uma realidade vivida por inúmeras pessoas no país e que teve sua origem em tempos coloniais. Isto parece tão claro quando pensamos as religiões afro-brasileiras que o assunto, quando abordado, em livros de história não ocupa muito espaço e nos livros didáticos não merecem mais que o espaço de uma nota de rodapé como.

No entanto os fatos não são operados nesse plano e possuem muitos desdobramentos. Nessa perspectiva que pressupõe um olhar para as casas de artigos religiosos a tentativa de compreender como, em uma sociedade preconceituosa orientada por religiões que se julgam superiores, a venda de artigos religiosos está sendo desenvolvida e quais suas consequências no plano cultural.

Esses estabelecimentos estão localizados próximos a Igrejas Católicas e as relações entre esses dois credos são expostas aqui como resultado da interação de elementos distintos em um mesmo espaço o qual chamei de sincrético.

A CONQUISTA DE ESPAÇOS SOCIAIS E A GÊNESE DOS ESPAÇOS SINCRÉTICOS: A CULTURA NEGRA PRESENTE NA VENDA DE ARTIGOS RELIGIOSOS

Da lei Áurea até os dias atuais uma série de desdobramentos sociais econômicos e políticos podem ser entendidos como elementos integrantes para a construção de um espaço em que a cultura negra ganhou progressiva liberdade e adeptos, galgando posições em um ambiente que mesmo assim ainda é hostil às representações religiosas africanas. Tal cultura manteve-se presente resistindo a pressões de outra cultura dita superior através de imbricados processos que devem ser analisados conjuntamente na tentativa de se entender o atual quadro cultural do qual fazem parte.

Historicamente, observamos como as religiões africanas se desenvolveram no Bra-

sil e como ganharam espaço em uma sociedade mestiça e criando um mosaico com todas as variações do negro ao branco. De fato, os cultos afros se disseminaram por toda a sociedade, seja pelas condições destas em se desligar de qualquer tipo de instituição dogmática, ou seja, pela relação muito própria e peculiar entre o indivíduo e seu orixá.

Os cultos afros oferecem uma gama de serviços mágico-religiosos que podem ser comprados por qualquer indivíduo. O atendimento e a rápida solução oferecida aos problemas não só espirituais, mas também materiais, além de uma não necessidade de vinculação à religião afro a transforma em um espaço de liberdade do indivíduo e uma

alternativa social importante para diferentes segmentos sociais que vivem numa sociedade como a nossa, em que ética, código moral e normas de comportamento estrita podem valer pouco, ou comportar valores muito diferentes.¹²

Estabelecida essa relação comercial volto meu olhar para as casas de artigos religiosos onde estão disponíveis toda sorte de banhos, essências, defumadores, velas entre outros símbolos das religiões afro.

Algumas dessas lojas não vendem itens exclusivos das religiões afro-brasileiras, mas contam com um público em sua maioria considerado popular ou “povão” como se referiu o dono de um dos estabelecimentos fazendo referência a uma análise de que os cultos dos terreiros são caracterizados pela participação em massa de pessoas das camadas mais pobres da população embora essa análise possua suas variantes.

Segundo ele “poucas pessoas vão ali para buscar alguma coisa da Igreja Católica”. Embora as lojas não façam distinção de público o dono afirma que “quando é coisa pra Igreja Católica” os consumidores bus-



Foto: Mundicâmo Ferretti

cam outras lojas como uma livraria católica ou até mesmo outra loja especializada na venda de artigos religiosos, mas que o ambiente apresenta uma estética diferente daquelas que vendem material para a umbanda e candomblé.

Estas palavras mostram um mercado disputado que por sua vez revela com a religião ainda é muito forte na vida dos indivíduos que cada vez mais buscam novas experiências para sanar rapidamente seus problemas.

A VENDA DE ARTIGOS RELIGIOSOS E A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO SINCRÉTICO

A grande quantidade de casas de artigos religiosos situados no centro da cidade acaba configurando um espaço sincrético uma vez que esta área é também densamente ponteada por Igrejas Católicas. Não é a existência desses dois elementos que por si só que poderiam configurar um espaço sincrético, observando dessa maneira a análise proposta poderia ser concluída de maneira superficial sem dar conta de uma série de relações existentes dentro deste contexto.

Primeiramente vamos observar a noção de sincretismo aqui utilizada e a partir da qual surgiu a idéia deste trabalho. O antropólogo Ordep Serra comprehende por sincretismo

“todo processo de estruturação de um campo simbólico religioso ‘interculturalmente’ constituído, correlacionando modelos

¹⁰ Retoma trabalho apresentado no Simpósio da ABHR de 2008 integrando contribuições de Camila Portela, que colaborou na coleta de alguns dados e realizou outras entrevistas.

¹¹ Graduando de História da UFMA; bolsista do PIBIC/FAPEMA orientado por Sergio Ferretti.

¹² PRANDI, Reginaldo. Herdeiros do Axé, p. 1-50 (versão disponível na internet)

CONTINUAÇÃO

míticos e litúrgicos ou gerando novos paradigmas dessa ordem que assinalem expressamente outros (que se refiram a outros) de maneira a ordenar o novo espaço cultural." (SERRA 1995 p. 197 -198).

Um espaço sincrético necessariamente não é um espaço em que dois elementos de culturas diferentes estejam postos lado a lado, isso poderia ser caracterizado como um simples posicionamento visual de elementos opostos e em decorrência do hibridismo cultural brasileiro. A presença de uma casa de artigos religiosos na mesma rua em que uma Igreja Católica pode não significar muita coisa em um local marcado pela diversidade cultural, mas as relações existentes entre estes dois ambientes acaba criando este espaço sincrético, ou seja, um ambiente em que culturas diferentes trocam experiências e a linha que as divide ora é bem definida ora não.

Esta outra conotação do termo sincrétismo pode ser aplicada no ambiente acima relatado onde símbolos de religiões diferentes e contraditórios não estão somente próximos, mas ordenando um espaço com "novos códigos e novas práticas sociais derivadas deste" (SERRA 1995 p. 198). Nesse local, cristãos interagem com umbandistas de modo nem sempre harmonioso evidenciando certos casos em que o duplo pertencimento religioso ainda é gerador de conflitos.

As casas de artigos religiosos estão abertas a qualquer pessoa, independente da religião do indivíduo e mesmo que alguns donos e empregados das lojas afirmem que a maior parte do público situa-se entre umbandistas não podemos excluir a participação de católicos e até mesmo protestantes neste comércio. "Os católicos compram principalmente defumadores e velas, pois é a credice popular afastar maus espíritos" e mesmo com todos os dogmas da Igreja "as pessoas não acreditam estar praticando algum mal ao defumarem sua casa ou acender uma vela colorida em frente ao seu santo de devoção" afirma um empregado de uma das lojas pesquisadas.

Essa afirmação está relacionada com dois fatos, um é o duplo pertencimento religioso onde o indivíduo não sofre conflitos ao participar de dois cultos, pois interpretam que, em essência, a maneira com a qual entram em contato com o sagrado possui a mesma raiz, esta "questão de fé" está muito presente nas pessoas que freqüentam tanto a missa quanto o terreiro para se sentirem espiritualmente realizadas. O outro é o fato de que a noção de pecado que acompanha o católico serve como limitador de suas ações e caso esta prática for geradora de dúvida a vela não será acesa nem o defumador queimado.

Outro item observado é a possível participação dos neo-pentecostais neste merca-

do. Este fato foi levantado por um dos entrevistados que diz com convicção que pessoas da Igreja Universal do Reino de Deus compram aquilo que os pastores utilizam no culto e na e nas propagandas televisivas. O sal está entre um dos principais produtos procurados além de banhos e outros produtos com a denominação abre caminho. Ao ser questionado em que ele se baseava para emitir tal afirmação ele respondeu que "a resposta está na televisão" e também pelo fato do "crente ouvir o pastor falar de abre caminho e ele buscar algo semelhante na loja".

Não tendo dados para comprovar tal fato exponho este argumento assim como me foi passado por um dos entrevistados, mas que não deve ser excluído, pois a presente situação além de ser atravessada de questões de cunho individual (questões de fé), neste cenário sincrético novas práticas podem surgir e desaparecer com o passar do tempo.

Outra prática relatada por um vendedor e constatada pela maioria dos entrevistados é a prática da "compra para o vizinho". Uma vendedora afirma: "o maranhense é uma pessoa muito boa e vive fazendo favor pros outros, muita gente vem aqui a usando a desculpa de que o vizinho pediu ou 'que fulano lá da rua está precisando'". Esta benevolência expressa na hora da compra faz parte de outro medo que as pessoas têm que é o do preconceito que possam sofrer por estarem comprando artigos religiosos nas lojas em questão ou se assumirem como adeptos de alguma religião afro.

Este preconceito gera conflitos que por sua vez tendem a estarem presentes na vida daqueles que se assumem adeptos de alguma religião afro-brasileira. Um caso evidente disso ocorre com dona Maria que tem situado ponto comercial em sua residência. Ela afirma ser vítima de preconceito no seu dia-a-dia, mas que releva tais fatos, pois se sente bem no que faz e não se incomoda se ainda hoje as pessoas não sentam ao seu lado na missa por saberem que possui além de uma loja de artigos religiosos um terreiro de umbanda. Afirma também que muito do preconceito por ela sofrido já diminuiu com os 24 anos que está instalada naquele local, os xingamentos e expressões caluniosas que os vizinhos emitiam foram desaparecendo e hoje os mesmo recorrem a ela em caso de necessidade.

CONCLUSÃO

As análises aqui apresentadas não podem ser tomadas de maneira independente. A venda de artigos religiosos está relacionada não só com uma demanda comercial, mas também religiosa, tanto de alguns

dono(s) como dos consumidores que necessitam manter contato constante com o seu(s) deus(es). Objetos como medalhas, velas, essências, defumadores são elos de conexão entre o homem e o sagrado. Esta constante busca uma satisfação espiritual e também das necessidades materiais de maneira imediata seja então a raiz do deslocamento que muitas pessoas operam quando buscam em um terreiro o aconselhamento

Neste contexto cabe aos indivíduos escolherem qual credo seguir e na escolha das religiões de matriz africana passará por uma série de experiências novas. Tentando dar conta de algum desses processos esta pesquisa focaliza para um tipo de comércio muito forte em uma sociedade muito religiosa e também muito diversificada neste último aspecto.

Apresentei algumas práticas que são muito fluidas e que variam a cada loja visitada. Com a entrevista efetuada seja com o dono ou com um vendedor cada um destes expõe situações vividas por eles e não devem ser desconsideradas por serem parte da vivência cultural do país onde algumas práticas são pouco estáveis outras – como o preconceito - são quase unâimes em relato dos entrevistados.

Tratar religião também sucinta dúvidas e olhares estranhos e enquanto uns responderam livremente as questões levantando hipóteses e concluindo pensamentos a partir de suas experiências outros com um simples "não posso responder" sinalizavam após minha apresentação.

Levando em conta tantas experiências pessoais e tentando relacioná-las e encaixá-las nesse contexto sincrético torna-se evidente a necessidade dos símbolos religiosos na vida das pessoas, independente da religião que professe. Encerro de maneira propositalmente comercial que nas casas de artigos religiosos você encontrará toda sorte de símbolos religiosos para satisfazer suas necessidades espirituais e porque não, materiais.

REFERÉNCIAS

- MATTOS, Regiane Augusto de. *História e Cultura Afro-Brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.
- COSTA, Wagner Cabral da (org.). *História do Maranhão: Novos estudos*. São Luis: EDUFMA, 2004.
- MEIRELES, Mario M. *Dez Estudos Históricos*. São Luis: ALUMAR, 1994.
- PRANDI, Reginaldo. Herdeiros do Axé, p. 1-50 (versão disponível na internet)
- SERRA, Ordep. *Aguas do Rei*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

REMINISCÊNCIAS: RUA DO SOL¹³

Carlos de Lima¹⁴

Vamos agora subir a Rua do Sol, começando pelo primeiro prédio, mesmo que ele pertença, de fato, ao Largo do Carmo (Praça João Lisboa).

Para alargar a Rua do Egito demoliram o bar “Excelsior” (ao qual me refiro no capítulo “Liceu”) e a “Farmácia Sanitária”, de Jesus Norberto Gomes (um farmacêutico idealista e criativo, autor de muitos medicamentos - “Antigripal”, “Hidrocálculo”, etc., etc., comprimidos, pomadas e ungüentos de sua fórmula, e o refrigerante “Cola-guaraná Jesus” - “o sonho cor-de-rosa das crianças”! Em seu lugar ergueram o prédio feioso da agência da Caixa Econômica Federal. O sobrado de azulejos, junto, pertence aos herdeiros do Dr. Luís Carvalho, citado em “Vida Profissional”. Era homem bonito e sisudo, usava cavanhaque bem tratado, ternos escuros e, apesar de tê-lo conhecido já idoso, lembro-me bem de sua figura espigada e elegante e do conceito que gozava de advogado sério e competente. Um dos melhores de São Luís.

A seguir, vinha o edifício da firma Pinheiro Gomes & Cia., do pai do ex-frade e economista José Tribuzi Pinheiro Gomes (o poeta Bandeira Tribuzi), o português Joaquim, de quem já falamos, e do Sr. Acir Marques, seu sócio, pai do Glacymar e do Ary, que também lá trabalhavam. Antes, aí conheci, numa morada inteira térrea, a Madame Adolfinha Harms, uma alemã cinqüentona, alta, alourada, de grandes olhos azuis, afamada chapeleira. Vem depois a ex-sede do Grêmio Lítero-Recreativo Português, a casa meio desprezada, alugada para restaurante, para boate, etc., etc., mas que nunca se firmam. Pois foi no salão deste clube, ali pelos anos de 42/43, que dançei com a Zelinda pela primeira vez, e por muitas e muitas vezes; antes de casar, depois de casado. Que bailes de Carnaval! Que réveillons! Quanta alegria! E agora... quanta saudade! As famílias tradicionais, a rapaziada do comércio e dos bancos, os cadetes da Escola Militar, a oficialidade do 24 BC.... Muita comida e bebida, confetes, serpentinas, lança-perfumes... e nada de brigas, todos possuídos de inocente alegria... “Oh! Jardineira, por que estás tão triste?... “Néga do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?... “As águas vão rolar, garrafa cheia eu não quero ver sobrar.... “Um pierrô apaixonado, que vivia só cantando...” Oh! tempos! Oh! Saudade!

Mais adiante era o “Bar do Castro”, um misto de casa de diversão, botequim, banco, casa benficiente e academia dos novos. De um lado ficavam as mesas de sinuca, permanentemente ocupadas pelos alunos gazeteiros e pelos profissionais do taco. Uns chegavam a rasgar o pano verde com sua inexperiência; outros realizavam partidas memoráveis e provocavam apostas às vezes absurdas! D’outro lado do prédio, ao redor de mesinhas de mármore, abancavam-se, em confortáveis poltronas de vime, os intelectuais jovens para discutir escolas e autores e para apresentar aos amigos suas últimas produções em prosa e verso. E como falavam muito, obrigavam-se a molhar as línguas com muita cerveja, cachaça ou um coquetel de fórmula misteriosa, criação do dono da casa, no qual figuravam todas as bebidas “encalhadas” nas prateleiras. Exaltava-se o Modernismo, recitava-se Fernando

Pessoa ou, patrioticamente, relembrava-se Gonçalves Dias e Maranhão Sobrinho. (Este, mais pela boemia exemplar do que pela arte poética.) Ao final dessas seções literárias sobravam sempre muitos “espertos” e outros tantos pileques.

No Bar aparecia pontualmente, aos sábados, um linotípista de “O Imparcial” por apelido “Camelinho”, por ser corcunda. Enchia-se de vinho tinto “Casca de Mangue” que o punha escornado, dormindo sobre a mesa. Manoel Castro, Joaquim Itapary, Manuel Ribeiro e outros moleques (hoje senhores respeitáveis) arranjaram uma escada, carregaram Seu Camelinho e o colocaram na marquise dos Correios e Telégrafos, defronte, com o risco do pobre homem, bêbado, cair lá de cima e quebrar-se no chão. Imagino o espanto dele quando, passada a carraspana, acordou e viu-se, inexplicavelmente, naquelas alturas... Deve ter pensado: “- Épa! cachaça danada! que faz até a gente voar!...” De outra feita, ensoparam de água oxigenada a carapinha de um preto, polidor de assoalho, que também se embriagava lá, e que despertou surpreso, completamente louro! Ao tempo em que isso era estranho. Hoje há cabeleiras de todas as cores do arco-íris para mulheres, homens e os do 3º, 4º e 10º sexos.

A agência dos Correios e Telégrafos, já dissemos, ficava em frente, outro edifício feio, modernoso, do detestável *pó-de-pedra* em moda, no lugar em que deveria erguer-se o primeiro teatro, se os frades do Carmo não tivessem obrigado os donos a virá-lo de frente para a Rua do Sol, porque não ficava bem uma construção profana (E bota profana nissol) ao lado de um templo religioso. Finalmente o teatro foi feito conforme os cânones e lá está o belo prédio que se chamou “União”, “São Luís” e “Artur Azevedo”, em cujo camarim no. 1 nasceu a grande atriz Apolônia Pinto e cujo palco recebeu desde as companhias de óperas italianas e de zarzuelas espanholas até o famoso artista Carlos de Lima (desculpem a imodéstia!), passando por Renato Viana, Procópio Ferreira, Vicente Celestino, o “Teatro do Estudante”, de Pascoal Carlos Magno, Jaime Costa, Sandro-Delacosta-Celli, Tônia Carrero e tantos outros como Bidu Saião e a Sinfônica de Eleazar de Carvalho, além da prata da casa, talentosa e esforçada, sob a competente e entusiasta direção de Reynaldo Faray, a quem o Maranhão deve uma definitiva e justíssima consagração.

Atravessando a rua, temos o sobradinho de azulejos, onde, nos começos do século, residiu Dr. Nina Rodrigues, médico, que, por defender uma tese sobre as propriedades nutritivas da mandioca, tomou o apelido de “Dr. Farinha Seca”. Por conta de nossa tradicional irreverência Nina Rodrigues compôs seu nome na Bahia, com seus trabalhos de psiquiatria. Ali, naquele sobrado, ainda conheci a família do Dr. Ribamar Pereira, advogado gordo e bochechudo, que exibia seus dotes de poeta, pianista e barítono sempre que se apresentava ocasião. Foi prefeito, e nessa qualidade empreendeu uma reforma da Praça Benedito Leite. A pracinha pequena passou o povo a chamar “Tetéia”, tratamento carinhoso que recebia em casa a filha do alcaide, uma moçoila grande, muito gorda e rechonchuda, sempre metida nuns vestidos cheios de laços e

babados que a transformava num *bebê tamanho família*. Ribamar Pereira, já dissemos, é o autor da marchinha carnavalesca do cordão das moças do “Lunáticos”. Mais tarde, morto o Ribamar e mudada a família para o Rio, ali instalou-se o “Foto Amorim”, sendo o titular um fotógrafo capaz de milagres extraordinários, como o do retrato oficial do governador Paulo Ramos, feio de doer, que ele transformou em mancebo formoso, de pele lisa e rósea, de fazer inveja ao próprio Narciso. Rugas, calombos, vales e crateras sumiram num passe de mágica, graças ao virtuosismo do artista que “terraplenou” tudo, fazendo do Quasimodo surgir um Adônis perfeito, de tal forma belo, que nem as artes do Dr. Pitangui conseguiram igual!

Apegado, era a morada-inteira do Dr. José Pires Sexto, o governador que, ao tempo da revolução de 30, saiu fugido pelos fundos do Palácio dos Leões, entregando o governo ao Ajudante de Ordens, o Sargento Aprígio. Ao lado, a Faculdade de Direito (a primeira do Maranhão), fundada por Henrique Couto e Domingos Perdigão, de memorável história e tradição. Transpunha-se o Beco do Teatro (Godofredo Viana) e chegava-se ao “Anexo” do “Maranhão Hotel”, de Seu Castro, um belo sobrado com escadaria senhorial, onde, antes residira a família Dunshee de Abranches (citado em “O Cativeiro”) e, depois, a do Dr. Génésio Rego. Hoje é o “Edifício Colonial”, uma das excrescências na paisagem colonial para quem olha a cidade do bairro de São Francisco. No antigo prédio, que ocupava praticamente metade do quarteirão, realizaram-se, no térreo, magníficos “salões de arte”.

Ao lado do teatro ficava o escritório da “Companhia de Cigarros Souza Cruz” (onde este memoriaista trabalhou e penou, conforme relato em outra passagem desta história) e contíguo a este, a famosa “Movelandia” de Pedro Paiva, que congregou uma pléiade de moços que se tornariam depois figuras exponenciais da literatura, da arte, da política, da magistratura. Mais em frente vê-se o enorme sobrado de azulejos do “Instituto Nina Rodrigues”, do saudoso poeta Carlos Cunha, sendo que o também sobrado, junto, abrigou a família Lages Castelo Branco, nossa apparentada.

Na Travessa da Passagem, no sobradinho de esquina, ficava a “República” dos portugueses-caixeiros da Praia Grande. Na morada-inteira seguinte, o pessoal de Amadeu Aroso, acho que já sem o seu chefe. Eu o conheci na Rua Grande, na casa senhorial do Campo de Ourique (depois AABB) e onde participei de um baile de carnaval que nunca esqueci: o Amadeu mandava fechar o portão para que os foliões não fossem embora antes de consumir toda a bebida que ele punha para gelar na grande banheira de ferro esmaltada.

O enormíssimo sobrado de três andares, logo a seguir, residência de uma família cujo nome não me lembra, foi por algum tempo sede da “Fundação Cultural” (embrião da Secretaria da Cultura), sob a dedicada direção do mestre Domingos Vieira Filho, o administrador mais escrupuloso que jamais conheci, e, acredito, jamais existiu. Sua extremada honestidade até, por vezes, lhe embaraçava a ação, mas ele não abdicava da mais minuciosa fiscalização, do mais rigoroso controle das contas, a

¹³ Ver também Rua Grande (Boletim 27) e Rua da Paz (Boletim 42).

¹⁴ Historiador; folclorista; membro da Academia Maranhense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Comissão Maranhense de Folclore.

CONTINUAÇÃO

cujo sistema, para dar o exemplo, era ele o primeiro a submeter-se. Onde se situam os consultórios médicos dos Moreira Lima (meus queridos amigos José Henrique, de saudosa memória, e o filho Henrique Augusto), morava o Sr. Arnaldo Júlio Correia, importante sócio de Joaquim Júlio Correia & Cia. Parece-me vê-lo à janela, em companhia da esposa, a apreciar o pouco movimento da rua na tarde calma, e tenho presente, bem nítida, sua fisionomia bonachona, os óculos de aros de ouro que o tornavam muito parecido com o primeiro-ministro alemão Helmut Koll. Defronte morou, por algum tempo, Osvaldo Soares e, depois, ali esteve o Instituto Brasil-Estados Unidos. Hoje me parece que abriga uma repartição pública. Então chegamos ao sobrado dos Duailibes - Salim Nicolau Duailibe e Linda Saddy Duailibe e os filhos Vitória, José, Jorge, Alfredo, Maria de Lourdes, João (meu colega, no Liceu), Zila, Luiz, Antônio Benedito, Carlos Alberto e Norma, todos empenhados em conservar e distribuir a simpatia e a fraterna bondade do povo libanês. Nessa casa Josué Montelo situou a história co-movente de seu romance "Os degraus do Paraíso". Mais em frente e do mesmo lado, o "Colégio São Luiz Gonzaga", da insigne professora D. Zuleide Fernandes Bogéa que, com D. Rosa Castro e D. Zoé Cerveira, formava o mais brilhante trio de educadoras do Maranhão. Apegado, o sobradinho do Sr. Delmiro Botelho e, na esquina, já com entrada pela Rua de São João, a residência e o museu de Osvaldo Soares, cujo acervo, vendido ao bispo, constitui 80% do museu de Sobral, no Ceará.

Confrontando D. Zuleide, a bela residência, o magnífico, o imponente, o extraordinário palácio de José Francisco Jorge (pertenceu antes a Gomes de Souza, o genial matemático maranhense), do qual falo quando aludo às visitas que meu avô fazia ao seu patrão Zé Jorge.

Dr. Alexandre Costa, engenheiro (que chegou a Ministro de Estado e Senador da República; também meu ex-colega do Liceu), morou no sobrado, o primeiro da próxima quadra (com entrada pela Rua de S. João). Também aí foi a sede do IPASE - Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Servidores do Estado, teatro da brilhante conclusão do Delegado de Polícia Paulo Pupupu, contada em outro capítulo. Numa morada-inteira, em frente, residia Dr. Tucídides Barbosa e logo após, o Dr. Brito Passos, na bela casa que ele mesmo construiu, hoje sede do Sindicato dos Bancários. Defronte, na esquina da Rua das Flores (Pereira Rego), ficava o antigo "Grupo Escolar Barbosa de Godois", depois "Tribunal Eleitoral", incendiado na época da "depuração" de Satu Belo e da famigerada "revolução de Eugênio Barros". Transposta a rua, vinha a "Livraria Borges", dos Borges (que o que tinham de feios tinham de gentis); a casa dos Carvalhos - Antônio Maria, meu companheiro de B.B.), a dos Lobos (Lobão e Lobinho, também do Liceu) e o sobrado de Pedro Vasconcelos, várias vezes citado nestas memórias.

Defronte, a "Farmácia Pedrosa" e o belo palacete de Manoel João de Moraes Rego, depois, de Jorge Nahuz e finalmente de Haroldo Cavalcante, pai de Célia, Lígia (ex-noiva do meu filho Álvaro), Heloisa e Junior. Na meia-morada junto, D. Odila Pinho, professora, que já conheci velha, mas que caprichava na maquilagem, vestia-se na última moda, e que, falando alto, acompanhava-se de largos gestos que faziam tilintar suas muitas pulseiras e por em evidência seus anéis de brilhantes. Lembro-me de uma noite em que se formou um grupinho à porta do sobrado de meu tio. É praxe antiga no Maranhão a derradeira con-

versa na calçada; demore-se o tempo que for dentro de casa, fale-se tudo o que se tem a falar, que sempre restará um assunto que há de prender as pessoas, à despedida, na porta da rua. Estávamos, pois, nessa conversinha de última hora, quando ouvimos um chororó sonoro e forte, quebrando a solidão da hora tardia. Passada a surpresa, todos de uma vez identificamos o ruído: Dona Odila satisfazia as exigências da natureza...

Junto do sobrado quedava-se a moradia de José Nunes, comerciante, onde Nely, sobrinha do dono da casa, nos prodigalizava (a mim e aos meus primos) gentilezas e carinhos e até se permitia receber-nos em trajes menores, no seu quarto. E foi por causa de uma dessas visitas que eu me atrasei, chegando tarde em casa, no Caminho Grande. Papai me perguntou onde eu estivera e como lhe disse a verdade, levei uns cachaços... E embora ele nunca me tivesse explicado o porquê do castigo, dele me lembrei depois em situações de perigo...

Na esquina morava a família de José Domingues da Silva, Diretor da Estrada de Ferro, e irmão do ex-Governador Luís Domingues, pai de muitos filhos, entre os quais Maria, esposa de Paulo Abreu, por sua vez pais de meu amigo Paulinho Abreu.

Contava o desembargador Domingos Américo que, certo dia, encontrara-se com o José Domingues, vindo de palácio, e que se felicitava por ter chegado a tempo de, mesmo em último lugar, inscrever seu nome no livro de presença da comemoração do aniversário de Paulo Ramos, embora a reunião já se tivesse desfeito. "- Ora, Zé Domingues - disse-lhe Américo - todo mundo sabe que tu és puxasaco, mas tu não precisas fazer propaganda dessa fraqueza!"

Na casa em frente, com entrada pelo Beco dos Craveiros (Pereira Rego) residia Totonho Lajes (Antônio) e de suas irmãs Cotinha (Maria) e Canjinha (Arcângela). Antes fora residência dos Cortês: D. Mariana, a matriarca da família, do filho Raimundo Maximiliano Cortês e da nora D. Ana Amália Machado (Sinhazinha), tia-avó de minha mulher. Deste Cortês, um mentiroso de truz, rival de Cecílio Lopes, conto estórias em *Acredite, amigo velho*, do meu livro "As minhas e as dos outros". Defronte, a primeira casa do próximo quarteirão pertencia ao Dr. Hanleto de Godois ("O Chinês", como era conhecido, por sua fisionomia tipicamente oriental), filho do historiador Barbosa de Godois, casado com d. Vinólia Pinho e tendo por filha de criação uma menina sapeca chamada Éthel. Chegava-se então ao escritório da Imobiliária de D. Vitória Coqueiro, dirigida pelo Sr. Tupinambá, e que enfrentava a porta-e-jANELA do "Chocolate", um mulato pernóstico, dono das lanchas do porto. Apegado era a residência de outro Cortês (Zezíco), funcionário dos Correios, casado com uma Neves e pai de Nevinha e Conchinha. Depois, era a antiga morada de meu tio Nava Rodrigues, onde jogávamos as "peladas" das quais falo em outro lugar. Em frente, ficava o imponente sobrado de Miguel Nicolau Duailibe (irmão do Salim), pai de Nicolau, José, Henry, Herbert, Maria Lúcia, Tereza e Ivete; e na esquina, na morada inteira de mirante, que foi de Aluísio Azevedo, residiu o desembargador Domingos Américo de Carvalho, de quem já falamos tanto, (personagem do conto "O desembargador, o sofá e Gutemberg", de meu citado livro). Anos mais tarde, a família do General Alexandre Colares Moreira ocupou o prédio. Em frente, a residência do Dr. José de Ribamar Ferreira, pai de Fernando, José e Antônio. Xis com eles, a família de meu amigo

José Monteiro e, ao lado, o médico Dr. Raimundo de Matos Serrão com a irmã Maria José, professora de Química. Defronte, o Dr. Urbano Franco, que colecionava diplomas: advogado, farmacêutico, professor, ferreiro, sapateiro, alfaiate, etc., etc., etc.

Colado a ele, o desembargador Henrique Costa Fernandes, Presidente do Tribunal de Justiça. Era uma figura estranha, caladão, circunspecto, a quem Domingos Américo se referia recitando, ferino: "- Costa Fernandes, Costa Fernandes, Costa Fernandes.... de orelhas grandes, de orelhas grandes, de orelhas grandes..." Chegava do Tribunal e entrava direto para a sala de visitas. Vestia o pijama e sentava-se na rede, permanentemente armada, onde almoçava, lia, recebia os amigos e dormia. Dizia-se que tinha um penico, atrás da estante de livros, onde fazia suas necessidades, e dali só saía de novo diretamente para a rua.

Em frente era a mercearia de meu pai e o sobradinho de nossa residência, que desmoronou com as chuvas... cenário de minha bela mocidade. Na esquina, a "Padaria Vitória", também fabricante de beijos-de-moça, e, do outro lado, o sobrado de azulejos verdes dos Jorge, Domingos e José, casados, respectivamente, com as duas irmãs Odessa e Odila. Parece-me vê-los, numa noite, tomando o carro para ir ao baile de máscaras, elas de vestidos longos, faiscantes de pérolas e pedrarias, de máscaras venezianas, eles de *smoking* e *summer-jacket*. Junto deles morava meu tio Antoninho Figueiredo, até a família se transferiu para Teresina (PI).

Logo adiante, do outro lado, D. Etelvina Domingues da Silva, que foi minha professora de História, no Colégio de São Luís e, depois, a casa ajardinada de Seu Newton e D. Nizeth Valente; vizinha, a meia-morada das irmãs Cardoso - Graci e Delci, colegas do Liceu e que, ainda no ginásio, morreriam tuberculosas.

Defronte, o grandioso sobrado de azulejos verdes de Zeca Pereira (pastor da Igreja Batista Central Ebenézer, patrimônio da família), onde fui, menino, com meus pais, à requintada recepção que o casal ofereceu à sociedade, para mostrar as preciosidades que trouxera de sua recente viagem ao Egito! Um quarteto de cordas tocava música de câmera e os criados, de libré, transitavam pelos ricos salões, oferecendo canapés e bebidas finas às visitas, em grandes bandejas de prata maciça. A seguir, vinha a casa de D. Guiomar Franco de Sá e, confrontando-a, a residência de Othelo Cavalcante, pai de Haroldo e Arnaldo. Chegamos, então, ao último prédio da esquina, a morada-inteira de Seu Éder Santos, pai de Maria da Graça e José Mário. Da casa antiga restam umas quatro paredes e o mirante e não há Patrimônio Histórico que consiga obrigar os Gaspar a restaurá-la; estão eles no firme propósito de deixá-la cair de todo para então, com a convivência de um "governo amigo", erguer ali um espigão. (Oh! Brasil! Oh! Maranhão!)

"... as casas, como os homens, têm seu destino, com as suas exaltações e as suas humilhações. A barbearia modesta pode ser, amanhã, elegante loja de modas. Na sala em que funcionou a livraria pode estabelecer-se, dentro de um ano, o seleiro, que vende arreios, ou o armeiro, que vende punhais." Humberto de Campos.

Os restos da casa de Éder Santos agora está convertido em um estacionamento de automóveis!

E aqui encerrariamos este nosso passeio pelo tempo, pela memória e pelo coração, se meu amigo Arlindo Carvalho não me cobrasse insistenteamente uma idêntica caminhada pela Rua dos Afogados. Para satisfazê-lo comecemos partindo da Rua dos Remédios.

Mãe d'água

Reinaldo Freitas Soares Junior¹⁵

Este ensaio foi constituído a partir de relatos de alguns moradores da cidade de Cururupu. Tomamos como principal informante o senhor Marcos Aurélio, de 30 anos, atualmente evangélico, mas que tem boa parte de sua família, inclusive sua falecida sogra, ligada a pajelança, tipo de manifestação popular-religiosa do espaço social da cidade de Cururupu. Não a denominamos como religião afro porque percebemos nela tanto elementos "africanos" quanto indígenas. Este trabalho foi realizado com residentes do bairro de Areia Branca no período natalino do ano de 2008.

Ao perguntar para um senhor se ele sabia algo sobre Mãe d'Água, este nos respondeu que ela é um mito, que faz parte das muitas histórias contadas na cidade de Cururupu. Ele fez uma descrição de como esta era representada pelos *antigos*. De acordo com suas palavras, Mãe d'Água é uma mulher branca, de cabelos brancos, e olhos azuis, muito formosa, mas alguns a descrevem com cabelos loiros, de pele branca, de olhos azuis e roupa branca apresentando, portanto, diferença em relação ao relato do senhor Marcos no cabelo e na forma de se vestir. Segundo o mesmo informante, quem quisesse vê-la deveria ir à fonte ou ao rio ao meio dia, que é o horário que ela costuma estar assentada na tábua onde as mulheres lavam roupa na beira dos rios.

Na descrição da forma física de Mãe d'Água, o senhor Marcos nos informou também que ela possui guelras como as de peixe, no pescoço, e acrescentou que, se um homem quisesse tê-la como companheira, deveria agir da seguinte maneira: quando ela estivesse tomando banho na fonte, sentada na tábua de lavar, molhando os seus cabelos, a pessoa interessada deveria correr e golpear-a nas costas com bastante força, para que ela vomitasse as guelras e o indivíduo pudesse levá-la para a sua casa, para torná-la companheira. No entanto, não poderia deixá-la comer peixe, caso contrário ela voltaria a ter guelras e desapareceria da casa daquele que a levou.

Um detalhe interessante no relato do senhor Marcos foi a comparação por ele realizada dela com Iemanjá. Ele não nos disse que são a mesma entidade ou pessoa, pois enfatizou uma diferença entre elas: uma é do mar enquanto a outra é dona das fontes, onde houver uma nascente lá estará ela. É interessante que uma senhora com quem conversamos em Cururupu se referia a ela (Mãe d'Água) sempre como *Mãe da Fonte*.

O senhor Marcos nos relatou que as mães costumavam proibir as crianças de ir às fontes ao meio dia e que também, inde-

pendente de qualquer horário, elas não deveriam brincar com um determinado tipo de peixe pequeno porque poderiam correr o risco de serem *flechados* por ela, o que significa ali receber uma correção ou coação, que pode se manifestar por um mal estar físico. Segundo a senhora Florzinha, uma de nossas entrevistadas, até para pegar água da fonte deve-se pedir permissão para a dona da fonte, isto também deverá ser observado para pegar água em poços. Segundo ela, o indivíduo que fosse pegar água, principalmente no horário de 18:00 horas, deveria dizer "com licença", pois como nos foi dito por ela e por outros moradores da cidade de Cururupu, aquele é o horário que ela está mais atuante ou que ela mais se apresenta. Como nos explicaram, se um adulto ou criança não cumprisse aquela regra, ou se as crianças tomassem banho já passando do meio dia ficariam doentes. Na grande maioria dos relatos os sintomas apresentados seriam febre e moleza no corpo, um dos sinais que de que teriam sido *flechados*.

O senhor Marcos nos disse também que não tem informações convincentes sobre a existência de Mãe d'Água, como tem do Currupira. Ele nos afirmou que deste, de fato, ouviu muita coisa. Em seguida falou que ele era um demônio e que, por causa dele, pessoas ficaram cegas literalmente. Na explanação de nosso informante, as pessoas quando estavam na mata perdiam-se e, quando estavam na "boca" da saída, voltavam para o centro da mata por conta de Currupira. Segundo o senhor Marcos, esta *entidade* possuía uma capacidade de influenciar as pessoas dentro da mata e que a única forma de sair da floresta era o indivíduo vestir sua camisa do avesso, quando ficaria livre, ou melhor, poderia encontrar a saída, e que o virar a camisa do avesso tem a ver com os pés do Currupira, que são voltados para trás.

Ainda sobre Mãe d'Água, uma senhora nos relatou que antes da cidade de Cururupu ter luz, iluminação elétrica, havia períodos da noite, principalmente das dez horas em diante, que os indivíduos deveriam ter cuidado ao sair porque, segundo alguns, poderiam ser *flechados* ou ate mortos por aquela. Ela nos disse que a Mãe d'Água



Foto: Município Ferretti

assobiava e seu assobio possuía um poder hipnótico sobre aquele que escutava, e também nos disse que ela ia até a janela da casa de determinadas pessoas para assobiar, como uma forma de "atuação" sob elas. Segundo esta informante, há dois casos que levam à sua "atuação" sobre uma pessoa: se alguém pegasse um de seus peixinhos, de sua fonte, ela ia até a residência daquele que pegou o peixe e se ele não ficasse doente "fisicamente" poderia ficar mentalmente, devido ao tipo de ação que ela exerceria sobre a pessoa. O outro caso é o de pessoas que, segundo ela, possuem uma espécie de influencia, desde o seu nascimento, desse tipo de *entidade*, no caso os *hundinos* (termo que indica um pertencimento, uma predisposição de um determinado grupo de pessoas, sem explicação lógica para quem não pertence ao grupo sócial que dele se utiliza).

É evidente que nestes relatos encontramos algumas divergências, no entanto, isto não pode nos causar espanto ou desconfiança em relação à veracidade destes relatos, porque cada um deles está mediado pela experiência própria de cada indivíduo, com sua própria cultura e realidade, e não podemos esquecer que cada pessoa tem uma forma de interpretar os fenômenos com os quais se depara.

Maio, mês de Maria – Ladainha de N. Senhora

A devocão à mãe de Jesus em São Luís é muito forte. Durante o mês de maio muitas pessoas se reúnem para rezar a “Ladainha de Nossa Senhora”. Depois do Concílio Vaticano II os sacerdotes e ministros religiosos católicos costumam rezá-la em portu-

guês, mas nas casas de culto afro-brasileiro, nas residências de devotos e nas sedes de grupos folclóricos ela continua cantada em latim, como ocorria no passado nos ambientes controlados pelos sacerdotes. As ladainhas populares apresentam algumas variações e

nelas, como era de se esperar, o latim nem sempre é o mesmo que fora ensinado nos seminários católicos, mas a fé na Virgem Maria é a mesma. O texto transscrito a seguir é o cantado no mês de maio pela família de Zelinda Lima, membro-titular da CMF.

LADAINHA DE N. SENHORA



Kirie, eleison.
Chiste, eleison.
Kirie, eleison.
Chiste, audi nos.
Chiste, exaudi nos.
Pater de caelis, Deus, miserere nobis.
Fili, Redemptor mundi, Deus,
Spíritus Sancte, Deus,
Santa Trinitas, unus Deus,
Sancta Maria – ora pro nobis.
Sancta Dei Génitrix,
Santa Virgo virginum,
Mater Chisti,
Mater divinae gratiae,
Mater puríssima,
Mater castissima,
Mater inviolata,
Mater intemerata,
Mater amabilis,
Mater admirabilis,
Mater boni consilii,

Mater Salvatoris,
Virgo prudentíssima,
Virgo veneranda,
Virgo praedicanda,
Virgo potens,
Virgo clemens,
Virgo fidelis,
Speculum justitiae,
Sedes sapientiae,
Causa nostrae laetitiae,
Vas spirituale,
Vas honorabile,
Vas insigne devotionis,
Rosa mystica,
Turris Davidica,
Turris ebúrnea,
Domus áurea,
Foederis arca,
Janua caeli,
Stella matutina,
Salus infirmorum,
Refugium peccatorum,
Consolatrix afflictorum,
Auxilio chistianorum,
Regina angelorum,
Regina patriarcharum,
Regina prophetarum,
Regina apostolorum,
Regina martyrum,
Regina confessorum,
Regina virginum,
Regina sanctorum omnium,
Regina sine labe originali concepta,
Regina sacratissimi rosarii,
Regina pacis.

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi – parce nobis, Domine.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi – exaudi nos, Domine.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi – miserere nobis.

Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix.
Ut digni efficiamur promissionibus Chhrisri.

Oremos

Concede nos fâmulos tuos, quaesumus, Domine Deus, perpetua mentis ET corporis sanitatem gaudere: ET gloria Beatae Mariae semper Virginis intercessione a praesenti liberari tristitia, ET aeterna perfri laetitia. Per Christum Dominum nostrum. Amem.

Zelinda Lima*

MINEIROS E UMBANDISTAS CATÓLICOS¹⁶

Fabrine Pereira de Brito¹⁵

Quando se trata de caracterizar as religiões de raiz africana no Brasil torna-se inevitável falar sobre o sincretismo com o catolicismo português, esta é uma das principais características que permeiam os estudos sobre as religiões afro-brasileiras. Portanto, vale retomarmos as origens deste tema.

No século XVI, quando os negros foram trazidos ao Brasil para serem escravizados vieram junto com eles as religiões de várias etnias africanas. Nessa nova terra os cultos africanos encontraram, além de outras culturas, o catolicismo – religião oficial e, sobretudo, obrigatória. Apesar de estarem sendo catequizados pela Igreja, durante o período em que foram escravizados os negros africanos cultuavam seus deuses nas senzalas.

Sendo a religião oficial o catolicismo e o culto aos deuses africanos considerados heresia pela Igreja, os grupos religiosos negros passaram a mascarar a adoração de seus deuses com a associação destes com os santos católicos, como meio de manterem sua religião. As relações entre divindades e santos eram feitas ligando-se as divindades aos santos que teriam características semelhantes às suas, por história de vida ou por aspectos físicos e emocionais.

A princípio, o sincretismo com o catolicismo foi marcado pela resistência étnica e cultural do negro africano, resistência esta que foi passada a várias gerações até as religiões fundadas por antigos escravos se firmarem no cenário nacional. Com o passar dos séculos as religiões de raiz africana abriram suas fronteiras para diferentes raças e etnias, independentes de classe social.

Apesar da resistência do sincretismo imposto a partir do século XVI com o catolicismo, no século XX o Candomblé iniciou um processo de abandono dos elementos do catolicismo e retomada das origens negras. Intitulado processo de africanização (PRANDI, 1991), há reflexões deste movimento no Maranhão. Em São Luís destaca-se o terreiro Fanti-Ashanti que aderindo ao processo de africanização consagrou-se como terreiro de Candomblé.

Mesmo com toda força e valorização da religião afro-brasileira no mercado religioso, ocasionadas pelo processo de africanização, grande parte dos terreiros (e reportamo-nos principalmente aos terreiros do Maranhão), mantêm em sua estrutura elementos do catolicismo e seus participantes, entre eles os pais e mães-de-santo, permanecem nas duas religiões: não só desenvolvem uma religião afro-brasileira tradicional (no sentido exposto por Bastide (1983), todavia não mais como imposição presente nos seus primeiros séculos de estabelecimento) como também são católicos praticantes – freqüentam missas, procissões e independentes de associações com entidades adoram santos (prática comum ao catolicismo popular brasileiro).

De certo que a religião afro-brasileira de agora não é a mesma praticada pelos africanos escravizados no Brasil, observamos o que antes era considerado resultado de coerção social agora parece constituir de maneira essencial as religiões afro-brasileiras que conhecemos. Esse é um dos aspectos mais marcantes nos terreiros da cidade de São Luís, tanto em seus elementos como entre seus participantes.

Apesar da associação dos santos católicos com entidades, percebemos algumas festas tendo os santos homenageados sem equivalências com as entidades. O pai-de-santo da Tenda de Mina Santo Antônio (que completa 44 anos de fundação no dia 13 de maio) Tote nos declarou ser devoto de Maria e tem o Rosário de Maria como livro para guiar suas orações. Na Tenda Santo Antônio há festa para grande número de santos. As entidades do terreiro são devotas destes santos, dificilmente são comparadas

ou relacionadas a eles. Durante as cerimônias os médiuns lembram a todo o momento dos santos homenageados, pedem graças e gritam viva a eles.

D. Mariinha, mãe-de-santo da Tenda de Umbanda Santa Terezinha (25 anos de existência) realiza várias missas e as ladaínhas antes dos toques são cantadas em latim no seu terreiro. Suas festas nem sempre coincidem com as festas dos santos. Devota de São José de Ribamar, D. Mariinha não realiza toque em seu terreiro para ele, prefere ir ao festejo que acontece na cidade com o nome do santo, localizada na ilha de São Luís.

Antes de iniciar os rituais, ao entrar no barracão e ao se dirigir até o altar os médiuns fazem o sinal da cruz, como se entrassem em uma igreja católica, assim ocorre em diversos terreiros da cidade. O próprio nome dos terreiros é homenagem aos santos. Outro aspecto a ser destacado é a realização de missas nos terreiros, um ritual católico dentro do templo de outra religião.

Destacamos a festa do ano de 2005 na Tenda Santo Antônio pela peculiar celebração do batizado dos filhos de alguns médiuns e missa, celebrados dentro do terreiro após o derrubamento do mastro no mês de dezembro levantado em homenagem a Santa Luzia. O festejo tem seus ritos iniciais no dia 01 de dezembro com o levantamento do mastro e tem seu término no dia 14 do mesmo mês com o derrubamento. Durante esse período o terreiro é prestigiado com toque de caixearas e são feitas homenagens a Santa Bárbara (festejada no dia 04), a Nossa Senhora da Conceição (festejada no dia 08) e Santa Luzia (festejada no dia 13).

No salão de danças foram colocadas várias cadeiras para os visitantes e uma mesa para o padre que ficou entre os dois altares do terreiro, na parede em frente ao portão de entrada do barracão. O altar das Pombagiras, entidades que possuem culto especial na casa e são comumente associadas a atributos negativos e sexuais foi coberto com uma capa.

A missa e o batizado foram realizados durante a noite. O celebrante foi o padre da Paróquia de Santa Bárbara, em São Luís, Igreja Católica Apostólica Brasileira. O padre usava estola de cor verde, mesma cor das vestes de Santa Luzia. Como o período em que ocorreu a festa era o do Advento, de acordo com a Igreja Católica as vestes deveriam ser de cor roxa. Os médiuns estavam todos de branco e com lenços na cabeça, eles pediam benção ao padre beijando-lhe as mãos, da mesma forma que pedem a benção ao padroeiro. As caixearas que tocaram no derrubamento do mastro também assistiram a cerimônia.

A missa foi celebrada de acordo com a liturgia da Igreja Católica. No início da missa o padre fez breve comentário sobre a importância de visitar religiões diferentes das suas, falou que não há mal em se conhecer o ‘outro’ e incentivava as pessoas a isso. Na homilia ele proferiu sobre a história de Santa Luzia, sobre um deus único e os santos. Em torno de dez crianças estavam sendo batizadas, estas foram posicionadas formando um círculo e acompanhadas pelos padrinhos o padre batizou uma a uma. Padrinhos e madrinhas foram escolhidos entre os próprios médiuns.

Na Tenda Santa Terezinha enfocamos a missa realizada no dia 13 de maio do ano de 2006. Nesta data é comemorada no Brasil a abolição da escravatura. Para celebrá-la alguns terreiros de Mina e terreiros de Umbanda realizam toques para as entidades conhecidas como Pretos-velhos. Na tenda Santa Teresinha o dia 13 é comemorado com missa pela manhã, almoço para os presentes, salva (abertura de festa, geralmente acontece pela manhã ou ao meio-dia) no início da tarde e toque a noite.

A missa da manhã do dia 13 de maio de 2006 aconteceu dentro do barracão ornamentado com tecidos e fitas de papel nas cores azul e branco. A imagem de São Benedito estava no altar do terreiro e na mesa que colocaram para o padre celebrar a missa. A vela no centro do barracão estava acesa. Antes de a celebração ser iniciada defumaram o barracão. Foi encenada uma pequena dramatização no início da missa.

Enquanto entoavam um cântico a Verequete (divindade africana que adora a São Benedito) uma senhora negra de idade entrou com as mãos acorrentadas e sentou frente ao altar da missa, logo surgiu D. Mariinha e retirou-lhe as correntes das mãos. O padre congregado pela Igreja Católica Apostólica Romana entrou em seguida e junto das médiuns acompanhou o cântico fazendo reverências e defumação do altar.

O padre utilizava estola estampada compondo suas vestes, apresentou a missa em homenagem às mães, a São Benedito e a alguns falecidos. Seguiu a missa de acordo com a liturgia católica e durante a homilia falou sobre Jesus Cristo, salvação, mediunidade, escravidão e condições dos negros enquanto subordinados. Explicou que a encenação que inicializou a cerimônia simbolizava a libertação dos escravos. Proferiu sobre a comemoração do dia 13 de maio e lembrou os pais-de-santo que sofreram discriminação.

No ofertório as médiuns entraram com pequenas quantidades de café, arroz e açúcar. O padre disse representarem o que era produzido pelos negros no tempo da escravidão. Os comentários do padre durante a cerimônia sempre lembravam as mães, pois em maio é comemorado o Dia das Mães, e a D. Mariinha por ser mãe duas vezes (mãe e mãe-de-santo). No fim da celebração ocorreu a comunhão e distribuíram uma mensagem de paz para os presentes. O padre aspergiu água benta com alfazema nos presentes. Ele entregou o ramo para a D. Mariinha benzê-lo. Depois da missa doutrinaram a Preto-velho e cantaram parabéns servidos de chocolate para beber e bolo.

Baseados em exemplos como estes, ressaltamos a manutenção dos elementos do catolicismo não mais denotando condição de dominação, estes subsistem de forma espontânea com o culto das divindades. A dessincretização não se apresenta como uma necessidade. Há uma contradição entre o crescente processo de africanização (em menor intensidade em São Luís) e a força do catolicismo popular nos terreiros. Nas missas realizadas nos terreiros os padres admitiram a diversidade religiosa. A grande maioria dos representantes das religiões cristãs, porém, não tolera a associação com as religiões de matrizes africanas. Elementos cristãos que foram adotados como meio de manter viva a cultura religiosa africana no Brasil acabaram por tornarem-se elementos “naturalmente” fundamentais dessas religiões.

REFERÊNCIAS:

- BASTIDE, Roger. Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- BRITO, Fabrine Pereira de. Tambor de Mina e Umbanda: sincretismo em terreiros de São Luís. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2008.
- PRANDI, Reginaldo. Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

¹⁶ O conteúdo desse artigo é parte integrante da Monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais da UFMA, com modificações.

¹⁷ Graduada em Ciências Sociais – UFMA; ex-bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq 2005-2007) e membro do GPMINA/UFMA sob orientação de Sergio Ferretti; ex-estagiaria do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho.

VIROU CRENTE: SINCRETISMO E MUDANÇA DE RELIGIÃO EM POPULAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS

Mundicarmo Ferretti¹⁵

E comum na trajetória de pessoas ligadas à religião afro-brasileira a passagem por mais de um terreiro (comunidade religiosa afro-brasileira), às vezes de denominações diferentes (Mina, Umbanda, Candomblé e outras); a consulta a vários pais-de-santo e curadores; as experiências com o espiritismo, com o catolicismo e com outras religiões. Como era de se esperar, essa pluralidade de experiências pode provocar a mudanças acomodadoras nas religiões envolvidas e a levar algumas pessoas envolvidas ao pertencimento a mais de uma comunidade religiosa.

O sincretismo da religião afro-brasileira com o catolicismo e com outras religiões vem sendo observado pelos pesquisadores desde Nina Rodrigues, no final do século XIX. Esse sincretismo, independente de ser um paralelismo, uma fusão ou uma justaposição de religiões, tem sido interpretado como assimilação pelos escravos africanos da religião do colonizador imposta a eles pela catequese, ou tem sido interpretado como uma camuflagem de religiões africanas usada por afro-brasileiros para escapar da repressão sofrida por elas.

Apesar de na segunda metade do século XX alguns terreiros terem deflagrado um movimento contra o sincretismo com o catolicismo e de procurarem se libertar da influência daquela religião, o catolicismo do “povo de santo” continua forte. Muitos sacerdotes e adeptos das religiões afro-brasileiras foram batizados no catolicismo, quando crianças, e continuam vinculados a essa religião pela fé recebendo sacramentos, participando de ritos oficiais, de associações religiosas e realizando de ritos do catolicismo popular, pois a Igreja Católica, embora se apresente como universal e a única verdadeira – herdeira direta do cristianismo -, vem adotando no Brasil uma estratégia de “tolerância” em relação à religião afro-brasileira e tem aceito e até mesmo reconhecido o catolicismo do “povo de santo”. Devido a esse duplo pertencimento religioso e também à falta de consciência da “completude” das religiões afro-brasileiras (de sua equiparação a outras religiões existentes no Brasil), muitos membros de terreiros sem engajamento no movimento negro ou na luta contra o sincretismo, quando indagados sobre sua opção religiosa costumam afirmar que são católicos, em vez de se afirmarem como “mineiros”, adeptos do candomblé ou de outra denominação religiosa de matriz africana.

Nos últimos anos tem também crescido o número de filhos-de-santo que tem ou teve alguma vinculação com igrejas evangélicas (Assembleia de Deus, por exemplo) ou que utilizam ou já utilizaram os recursos terapêuticos da igreja Messiânica e de outras igrejas do bloco protestante. Contudo, como as igrejas evangélicas não têm para com as religiões afro-brasileiras a mesma “tolerância” apresentada pela Igreja Católica a que nos referimos anteriormente, muitos evangélicos ao se vincularem a uma comunidade de terreiro se afastam de suas congregações evangélicas e muitos “médiums” ao se vincularem a uma congregação evangélica se afastam dos terreiros a que estavam vinculadas, embora possam continuar a ler a Bíblia com maior freqüência do que outros que nunca foram evangélicos. Mas, apesar desse afastamento e do controle exercido pelas igrejas evangélicas sobre seus membros, os convertidos ao protestantismo provenientes de terreiros nem sempre abandonam inteiramente suas obrigações para com as entidades religiosas afro-brasileiras, como tem sido propalado. Alguns tendem a reproduzir o “duplo pertencimento” observado em relação ao catolicismo, embora nesse caso o duplo pertencimento costume ocorrer de forma menos declarada do que o observado nos “afro-brasileiros católicos”.

Até bem pouco tempo, os casos de conversão de pessoas de religião afro-brasileira ao protestantismo pareciam raros, mas, nos últimos anos, a experiência de afro-brasileiros com o protestantismo, em especial com igrejas pentecostais ou neo-pentecostais, vem crescendo bastante e, em São Luís, levou um terreiro de umbanda a fechar suas portas e a doar ao museu do Centro de Cultura Popular do estudo roupas e objetos de culto.

Freqüentemente se explica a ausência de filhos-de-santo nos rituais de religião afro-brasileira com a expressão “virou crente”, o que geralmente parece normal e não suscita maiores comentários na comunidade de terreiro. Além do conhecido proselitismo daquelas igrejas e do costumeiro pertencimento dos filhos-de-santo a duas igrejas, para muitos deles a religião afro-brasileira é uma obrigação penosa assumida por imposição das entidades espirituais ou recebida de antepassados escravos ou pobres cuja memória nem sempre se gostaria de preservar. Embora uma percentagem significativa da população afro-brasileira hoje se orgulhe de ser negra e de suas entidades espirituais africanas, a ideologia do branqueamento ainda é bastante forte e a identificação com a África e com uma religião trazida por escravos continua sendo um fator negativo na afirmação de sua identidade e na sua ascensão social. Deste modo a conversão ao protestantismo pode parecer a algumas delas como uma oportunidade de libertação de um pesado fardo, como nos foi explicado por uma vodunsi que se afastou de um terreiro de mina da capital maranhense: “eu sempre tive vontade de servir a Jesus de outra forma”...

Mas, embora a mudança de religião ou a adesão a outra “crença” (ou a outra “lei”) seja geralmente encarada nos terreiros com natu-

ralidade e ninguém costume recriminar a pessoa que adotou tal opção, a comunidade de terreiro parece não considerar essa opção como definitiva ou irreversível e parece aguardar o seu retorno. Embora se afirme que as pessoas são livres para ter outra religião, fala-se que o corpo de médium não pertence só a ele e, a qualquer momento, a entidade espiritual com quem divide aquele corpo pode trazê-lo de volta ao terreiro. E, se a pessoa que mudou de religião, tiver ofendido gravemente o seu “guia” ou tiver um “guia” rancoroso, corre o risco de ficar “doente da cabeça” e de ter que voltar ao terreiro em busca de cura (algumas dessas pessoas logo que se converteram quebraram as imagens dos santos de sua devoção e queimaram as roupas que usavam quando receberam seus encantados).

Nos terreiros de mina São Luís os relatos de casos de pessoas que deixaram a religião afro-brasileira (às vezes por mais de 20 anos) para seguir outra “lei” e que, depois foram cobradas ou castigadas por suas entidades espirituais e tiveram que retomar às suas obrigações para com elas para não ficarem loucas, abobalhadas, ou sofrerem outras desgraças. Durante a nossa pesquisa ouvimos falar de filha-de-santo que “passou para a lei de crente” e deixou de participar de rituais públicos, mas continuou colaborando com as atividades dos terreiros; que depois de convertida ao protestantismo, vez por outra voltava ao terreiro em dia de festa, já incorporada, falando: “crente é ela, eu não tenho nada com isso”; retornou ao terreiro dizendo que não conseguiu ficar na IURD porque o demônio era chamado o tempo todo.

Embora não se pretenda avaliar se o número de adeptos das religiões afro-brasileiras convertidos ao protestantismo que “voltam à casa paterna” é maior do que o dos que não retornam aos terreiros, o impacto da expansão do pentecostalismo (ou neo-pentecostalismo) nas religiões afro-brasileiras é uma questão que merece ser pesquisada e pode nos ajudar a compreender a importância das religiões afro-brasileiras para diversos segmentos da população afro-brasileira. O que se pode perceber a partir de dois depoimentos de vodunsis que se integraram a igrejas evangélicas citados por nós anteriormente (“eu sempre tive vontade de servir a Jesus de outra forma” e “na IURD o demônio é chamado o tempo todo”), que a demonização das religiões afro-brasileiras que vem sendo realizada pelas igrejas pentecostais e neo-pentecostais, especialmente pela IURD, parece não atingir profundamente os convertidos provenientes das religiões afro-brasileiras e que é provável que muitos daqueles convertidos não aceitem a redução a demônios das entidades espirituais cultuadas nas religiões afro-brasileiras.

¹⁸ Antropóloga; membro da CMF.

JANELA DO TEMPO

"FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO" NA CASA DE ROSA GUARDAMOR¹⁹

Ruben Almeida²⁰

Mulata de estatura regular, gorda, espadaída, de cara larga, valia a pena se assistir aos festejos em honra do Divino.

Rosa Guardamor tinha esse sobrenome por haver vivido com um guardamor do Estado.

Tinha belos cordões de ouro português com crucifixo bem trabalhado, pulseiras de chapas estampadas, grossas escravas e de grandes argolas de ouro polido que lhe balouçavam nas orelhas.

Acostumara-se a usar camisas partidas de renda e de labirintos, pondo à mostra parte do colo, de saias ramalhudas e cheias de folhos largos, Rosa andava diariamente, pelas ruas da Praia Grande, o Centro Commercial de São Luís.

No seu grosso pescoço, nos dias de festas, quando não apresentava as suas jóias de ouro, punha belas voltas de coral e outras contas multicolores.

Em cada conta brilhante, que usava refletia um valor.

Quando metida em saias feitas de retalhos ou amostras de chitas, que adquiria nos grandes armazéns da Praia Grande, ou

lhe ofereciam os velhos portugueses comerciantes da cidade, Rosa Guardamor, tornava-se uma das mulatas mais atraentes daqueles tempos.

As suas saias eram bem feitas e geralmente costuradas a mão, davam a impressão de serem as fazendas estampadas.

Por causa das grandes festas do Divino Espírito Santo que realizava, se tornou mais conhecida ainda.

Nas Ruas do Passeio, do Norte e Santa Rita, onde morou, deixou recordações agradáveis.

As caixearas que podiam, envergavam bonitas saias ramalhudas e casaco de rendas e bordados, sandálias de veludo encarnado, belos cordões de ouro com crucifixo, pulseira, broches e linda figura de azeviche eram usadas.

Na casa de Antônia Passo Largo, como era conhecida essa festeira e na da velha Libânea, à Rua do Outeiro, lugar mais conhecido por "Palhoça", o fuzuê era também espantoso, pois, enfeitando o mastro viam-se galhos de murta, de fruteiras agitados pelo vento e no alto balançava uma bandeira com a figura do Espírito Santo.

Como já disse, era também assombrante a festança na residência do velho Caetano, à Rua da Palha. Era ele um festeiro, empregado da Alfândega de São Luís, e, na época dos festejos tornava-se incansável. Dava sempre aos festejos de sua casa um brilho descomunal, tanto que de "cana-capim" a cerveja e de muitas outras bebidas eram encontradas a fartar.

João Francisco, morador à Rua do Marajá, também fazia grandes festas. Depois de muitos anos mudara-se esse festeiro dessa rua para a de Santa Amélia.

Mãe Severa – velha mineira residente no Apeadouro que fazia festança em homenagem ao Espírito Santo, com invulgar encantamento, desde o dia do levantamento do mastro em todos os terreiros, as cerimônias se estendiam até alta madrugada.

Na casa de Raimunda Conceição (conhecida por Maria Porca), bem em frente ao portão do largo do Matadouro, a festança sempre fora de espantar. Tanto as indumentárias dos festeiros como as caixearas causavam admiração geral.

RESUMOS E RESENHAS*

MONOGRAFIA 2008

ABREU, Poliana Marta Ribeiro de. A crítica cinematográfica e suas adaptações ao suporte digital: breve análise do site críticos.com.br. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

Sabe-se que a web oferece espaço ilimitado para todos os tipos de conteúdo, com as mais variadas intenções, desde a pura diversão até a divulgação de notícias e estudos científicos. Em virtude do espaço cada vez mais reduzido nos jornais impressos para o trabalho da crítica cultural – especialmente a cinematográfica, objeto deste trabalho -, muitos críticos têm utilizado a internet como meio de veiculação de seus textos, que têm como foco a análise de produções cinematográficas. O presente artigo pretende verificar como a crítica tem se

adaptado ao suporte digital e até que ponto a utilização do ciberespaço é favorável ou prejudicial à formatação dos textos críticos. Para tanto, será analisado o site [criticos.com.br](http://www.criticos.com.br), que reúne um vasto conteúdo elaborado por profissionais de renome na área.

BARBOSA, Andréia da Silva. Economia da cultura em perspectiva: desafios para o estado do Maranhão. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques

RESUMO:

Este trabalho discorre sobre o tema da economia da cultura e suas implicações para o Maranhão. Ao analisar a combinação entre economia e cultura, discute a repercussão na agenda pública e no cotidiano, as possibilidades e variações do consumo cultural e a relação com os indicadores sociais, políticos e econômicos que permeiam as argumentações da economia da cultura como elemento para superação da pobreza e de geração de trabalho e renda.

DIOGO AZOUBEL, Diogo. Fotografia no Maranhão: perspectiva histórica e percurso de Dreyfus Nabor Azoubel. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

O texto indica o fazer fotográfico em São Luís - MA, desde o início da carreira de Dreyfus Nabor Azoubel como fotojornalista e artista que, com suas imagens estáticas, revelou o espírito de uma época. Além de tratar das peculiaridades de algumas imagens dele que servem de elo entre a atualidade e o passado em uma cidade arraigada de sentidos e significados, por vezes, distantes. Trata-se de uma abordagem histórica que levou em consideração o contexto

¹⁹ Transcrito de *Prosa, poesia e iconografia/Ruben Almeida*. Coordenada por Alberico Carneiro Filho e Chagas Val. São Luís: SECMA, 1982. p.248-249. (Col. Série Inéditos 2).

²⁰ Maranhense de ascendência portuguesa, falecido em 1979; catedrático de Língua Portuguesa do Liceu Maranhense e da Faculdade de Filosofia do Maranhão e professor de Direito Civil da Faculdade de Direito do Maranhão; estudioso e grande apreciador da cultura popular; e membro fundador da Comissão Maranhense de Folclore.

* Colaboração de Ester Marques - CMF; Professora UFMA;

RESUMOS E RESENHAS

sócio-econômico e político de São Luís durante parte do século passado, nas esferas fotojornalística e artística.

ESTEVANIM, Mayanna. *A cachaça como produto da cultura maranhense.* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

Como uma bebida se insere no cotidiano de uma sociedade? Será por prazer, para “afogar” as mágoas, para melhorar a saúde, para ser admirada e degustada ou para acabar com a timidez? Este artigo se propõe a levantar uma discussão sobre a presença da aguardente inserida na experiência do Mercado da Praia Grande – se a presença desta bebida se constitui como um produto da cultura e de que forma isto acontece.

EWERTON NETO, José de Ribamar. *A invenção de nomes próprios: algo mais do que um costume. Será arte?* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professor orientador: José de Ribamar Ferreira Júnior.

RESUMO:

Dentro do universo das palavras inventadas, a criação de nomes próprios tem sido vista, com freqüência, como um costume ou mania de baixa densidade cultural. O autor sugere que a carga de simbolismo e de busca de identidade inerentes a esse processo fazem com que este atinja muitas vezes, as complexidades peculiares às do fenômeno artístico.

FERREIRA, Bruno Soares. *Abdução semiótica na Capoeira e São Luís.* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professor orientador: Arão Paranaguá de Santana

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo abordar o método da Consciência pelo Movimento, desenvolvido na Capoeiragem por Mestre Patinho em São Luís – MA, e construir pela semiótica, através da Abdução, imagens sobre as formas culturais de assimilação da Capoeira nesse tipo de aprendizado. Para isso, serão utilizados os conceitos da Comunicação da Experiência e de Interacionismo Simbólico sob a perspectiva dos estudos culturais que vêm sendo desenvolvidos na contemporaneidade.

FREIRE, Karla Cristina Ferro. *O reggae em São Luís na contemporaneidade: identificação cultural, segmentação e mercado.* MONOGRAFIA. Curso de Especialização

lização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

O reggae em São Luís é um fenômeno de massa. Popularizando-se entre as classes sociais mais pobres, antes mesmo de se tornar midiático, o ritmo, importado da Jamaica, conquistou espaço na Ilha através de um processo de identificação, que não compreendeu, necessariamente, uma imposição cultural.

Com a ampliação do público do reggae, no entanto, o estilo musical ganha novas proporções, inclusive, na mídia hegemônica do Maranhão. A partir de então, verifica-se um movimento de segmentação do reggae, dos espaços, dos públicos e mesmo das formas de publicização do ritmo.

LISBOA, Conceição de Maria Caldas. *Uma etnografia interpretativa dos blocos tradicionais de São Luís.* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

Os Blocos Tradicionais compõem uma categoria específica no conjunto de manifestações culturais dentro do Carnaval de São Luís (Maranhão), e estão particularmente situados num cenário que inclui outras expressões como as Tribos de Índios, os Blocos Organizados, os Corsos, a Casinha da Roça, as Charangas, os Blocos Alternativos e as Escolas de Samba. Estes grupos carnavalescos carecem de pesquisas que desvendem sua origem, registrem sua trajetória histórica, seus sentidos e as práticas sociais no contexto em que estão inseridos. Neste aspecto, o intuito deste trabalho é pesquisar os Blocos Tradicionais que, ainda, não possuem registros escritos e documentais que abranjam algumas dinâmicas aqui apresentadas.

LOBO, Juliana Campos. *A mídia e o tambor: reconhecimento publicizado?* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

Este artigo tem a intenção de suscitar reflexões sobre o Tambor de Crioula no que tange a sua publicização enquanto Patrimônio Imaterial da Humanidade. No período de um ano, foram analisadas as matérias da editoria de cultura veiculadas sobre a manifestação, em dois jornais de grande circulação no Estado: O Imparcial e o Estado do Maranhão. A análise baseou-se nos critérios de noticiabilidade apresentados por Mauro Wolf, um dos grandes teóricos da Comunicação Social.

MENEZES, Giselle Adrianne Jansen Ferreira de. *A indústria cultural da Capoeira Angola de São Luís, Maranhão.* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professor orientador: Francisco Gonçalves

RESUMO:

O presente artigo analisa a formação do campo da capoeira angola na cidade de São Luís (MA), apresenta o processo de comodificação da capoeira angola a partir da experiência dos grupos organizados no Centro Histórico, esboça uma análise crítica da inserção da capoeira angola na indústria cultural e, ao mesmo tempo, desse mercado cultural.

MORAIS, Maria do Carmo Lima. *A invenção da expressão “Jamaica Brasileira”.* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professor orientador: Francisco Gonçalves

RESUMO: Atualmente São Luís é conhecida como a “Jamaica Brasileira” pela presença e consolidação do reggae na capital há quase 40 anos. Essa constatação fundamenta-se no processo de criação e apropriação da expressão, bem como nas relações de interação simbólica estabelecidas durante todos esses anos. A mídia, especialmente, produtora e divulgadora do nome, sustenta esse discurso pondo em questão o jogo das sucessivas imagens construídas ao longo da história da cidade, descritas num breve percurso simbólico.

NOGUEIRA, Gislleyne de Lourdes Costa. *EMOCORE – Grupo como leitura social.* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), várias reações foram desencadeadas ao redor do mundo, em que grupos de caráter rebelde manifestaram-se de forma agressiva contra o sistema político e toda a situação que alastrava o mundo. Esses movimentos fizeram nascer dezenas de grupos “subalternos” ou simplesmente subculturas, que, tendo como suporte a música, expunham letras politizadas, em virtude das consequências da Grande Guerra. Punks aparecerem, dando origem ao Hardcore Punk – gênero musical enraizado do rock e grande influenciador para a formação do Emocore. No primeiro momento, este artigo tentará definir e fazer alguns apontamentos sobre a estética da moda do grupo Emocore traduzida pelo estilo de vida que levam e suas características comportamentais.

RESUMOS E RESENHAS

PELEGRINI, Paulo Augusto Emery Sachse. A *atuação das fontes na construção do discurso jornalístico*. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professor orientador: Francisco Gonçalves

RESUMO: Aborda-se o jornalismo como forma de conhecimento, constituinte e constituente da realidade. Apresentam-se os principais fatores de construção do discurso jornalístico. Analisa-se o jornalismo como campo social capaz de conferir visibilidade aos fenômenos e aos demais campos. Examina-se como se dá a atuação das fontes na construção deste discurso. Compreende-se o processo de promoção de acontecimentos que se transformam em pautas jornalísticas, através de determinadas estratégias institucionais.

PEREIRA JÚNIOR, José Antonio. You Tube: *recriação ou descaracterização da linguagem do videoclipe?* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

O videoclipe conjuga, em uma só linguagem, imagem e som. Em meados dos anos 80, este jeito de se produzir música tomou conta dos veículos de comunicação, especialmente após o surgimento da MTV. Concebe-se, assim, videoclipe como produto da indústria cultural contemporânea. Com o avanço das novas tecnologias, surgiram diferentes espaços, como o site *Youtube*, para divulgação de videoclipes. Nesse contexto, discute-se até que ponto esse novo espaço recria ou descharacteriza a linguagem videoclíptica.

RAMOS, Januária Oliveira. *Vitrines da periferia: um breve olhar sobre o híbrido e o kitsch expostos na feira da Cidade Operária*. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professor orientador: José de Ribamar Ferreira Júnior.

RESUMO: Este trabalho tem a intenção de mapear, dentro da periferia da cidade de São Luís, alguns aspectos do hibridismo cultural do *kitsch* que podem ser visualizados em pequenos produtos vendidos em mercados populares. Para esta pesquisa, o *corpus* escolhido é a feira da Cidade Operária, que é um dos bairros mais populares da capital maranhense. Notamos que o hibridismo está presente neste ambiente por meio de objetos - muitos importados de outros países como mercadoria pirateada, e das criações que simulam realidades, recriam contextos e promovem encontros inusitados na concepção visual dos produtos expostos. Vamos examinar esses aspec-

tos inusitados e verificar o *kitsch* em diferentes pontos de extravagância.

RODRIGUES, Wanderson Ney Lima. O *Mercado da Praia Grande na contemporaneidade*. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

Analisa-se a história do mercado mais antigo do Maranhão, a Feira da Praia Grande. Seu surgimento, o posterior declínio e a recente revitalização são abordados. Considera-se a série de transformações culturais que influenciaram na maneira pela qual os visitantes e feirantes se relacionam uns com os outros. Para compreensão deste fenômeno, trabalhou-se com os conceitos de tradição de Eric Hobsbawm, identidade de Stuart Hall e cultura de Clifford Geertz. A feira, antes tida como um espaço para a aquisição de produtos de primeira necessidade, passa a ser encarada, contemporaneamente, como um local de trocas culturais, de apresentações folclóricas e de manifestações religiosas.

SANTOS, Amarilis Cardoso. Projeto *Editoria do Suplemento Cultural e Literário “GUESA ERRANTE”*: Entre a teoria e a prática. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques

RESUMO:

A finalidade deste estudo é analisar os *Anuários do Suplemento Cultural e Literário “Guesa Errante”*, publicados há cinco anos no *Jornal Pequeno*, como um exemplo de Jornalismo Cultural. A idéia é verificar se os objetivos propostos por seu Editorial estão sendo cumpridos. A partir do primeiro editorial do Guesa Errante, a intenção é analisar os indícios textuais das publicações dos Anuários, tentando observar se ele obtém os efeitos desejados, tanto para os editores, quanto para o público leitor, proposto pelo editorial.

SAUAIA, Anuar Sadat. O *Boi da Maioba e a contemporaneidade*. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professor orientador: Francisco Gonçalves

RESUMO:

Este trabalho propõe a discussão sobre alguns conceitos como cultura popular na contemporaneidade, transformações culturais, tipologias culturais e tradição, a partir de uma perspectiva paradigmática que não negligencia o caráter dinâmico da cultura e sua contextualização histórica. Como pano de fundo, elegemos o Boi da Maioba em virtude de sua representatividade no campo

cultural maranhense. Nesse contexto trataremos de demonstrar a construção simbólica que todo aspecto de cultura contemporânea representa, utilizando a referida manifestação e os aspectos de transformações mais recentes observados neste grupo folclórico. Buscaremos fomentar, de alguma maneira, questões referentes ao debate sobre identidade cultural na contemporaneidade.

SILVA, Thatianny Cristina Soares e. O *Mecenato no Premio Universidade: democratização ou alienação da cultura?* MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO:

Processo de utilização da cultura como ferramenta de mercado baseado na oferta. Analisa-se o Prêmio Universidade FM e a relação de mecenato com sua principal patrocinadora Vale - maior produtora mundial de minério de ferro - em termos de recursos destinados ao evento, observando seus usos e efeitos dentro da complexificação das sociedades globais.

VIEIRA, Raimundo Nonato de Araújo. *Banca de revistas: um espaço democrático, heterogêneo e de convivência cultural*. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professor orientador: Silvano Bezerra

RESUMO: Este estudo discute a banca de revistas como o espaço de produção e disseminação de sentido. A banca de revistas é entendida como uma espécie de entroncamento de informações, o que vem caracterizá-la como específico na paisagem da cidade. Busca-se avaliar os diferentes sinalizadores presentes na banca de revistas, na condição de portadores de significados e que indicam modos de convivência social.

WADA, Mieko Damasceno. O *reggae como instrumento político na cultura maranhense*. MONOGRAFIA. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural. São Luís, UFMA, 2008. Professora orientadora: Ester Marques.

RESUMO: A pretensão é entender o reggae como um fenômeno político de massa, tendo em vista sua predominância tradicional nos bairros periféricos de São Luís, onde o nível de instrução de grande parcela da população é limitado. A idéia é perceber como esta manifestação cultural pode influenciar os seus adeptos na hora de escolher os seus representantes nos cargos em que concorrem, tendo como bandeira de luta o movimento regueiro, no Maranhão. A adesão de simpatizantes é resultante de vários artifícios de marketing, como a realização de eventos e festas, nos quais os representantes são simbolizados como heróis.

Notícias - Roza Santos

XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

A cidade de Vitória, Espírito Santo, no período de 24 a 29 de novembro de 2009, é sede do folclore brasileiro. Neste período acontece o XIV Congresso Brasileiro de Folclore que reúne folcloristas, mestres populares, estudiosos e pesquisadores para debates sobre o tema: Folclore, Diversidade Cultural e Políticas Públicas para o Século XXI. Uma realização da Comissão Nacional de Folclore, Comissão Capixaba de Folclore e a da Universidade Federal do Espírito Santo. Quem se inscreveu para apresentar trabalhos tem o período de 1º de junho a 31 de agosto para envio de texto integral dos Artigos de Comunicações aceitas para participarem do Simpósio. Mais informações no site www.folcorecapixaba.org.br

REZAS, BENZIMENTOS E ORAÇÕES EM LIVRO

Dona Zelinda Lima lança o livro Rezas, Benzimentos e Orações: A fé do povo – resultado de suas anotações de pesquisadora e de seu convívio, desde a infância, com rezadeiras e benzedeiras, pessoas que curam doenças com rezas e benzimentos. No livro encontramos biografias de santos, orações e rezas para *achar coisas perdidas; maridos para moças e solteironas; contra tempestades e raios, etc.* práticas do povo simples na linguagem singela e direta que bem traduz a religiosidade popular. Numa brochura elegante, o livro tem na capa foto de Edgar Rocha, da escultura de Magnólia Mendes (Magui) e ilustrações do artista plástico Ciro Falcão, projeto e planejamento gráfico de Edgar Rocha e Nazareno Almeida.

NHOZINHO – IMENSAS MIUDEZAS

A Casa de Nhozinho/SCP-SECMA, na Rua Portugal, 185, Praia Grande, criada, em 2002, para abrigar o acervo de brinquedos populares dos artesãos maranhenses, recebe Nhozinho – Imensas Miudezas, exposição, edição de vida e obra em livro e documentário sobre Antonio Bruno Pinto Nogueira (1904-1974) artista maranhense, nascido em Cururupu, aos 32 anos, já em estado de deformação, vem para São Luis. Notável pela superação das adversidades, limitações físicas, dor e preconcei-

to, produz suas imensas miudezas: cofres de segredo, carrinhos de boi, brinquedos, caixa de rendeiras, rodas de brincantes de bumba-meu-boi - miniaturas em buriti, palmeira nativa do Maranhão - preciosidades que o imortaliza como artista popular. O museu Casa de Nhozinho, a Sábios Projetos e a Arco e Arquitetura Produções sob o patrocínio da Merck, Lei de Incentivo do MinC, reuniram grande parte de sua obra nesta exposição composta pelo acervo da Casa de Nhozinho, da Família Alcântara, da Família Dino e de Zelinda Lima. As fotografias, do acervo da família e de amigos e do arquivo da Casa que leva o nome do artista. Depois do êxito na cidade do Rio de Janeiro, realizada na Galeria mestre Vitalino, no Museu do Folclore Edison Carneiro, a exposição chega à São Luis. A curadoria e projeto de exposição é de Heloisa Alves e equipe técnica.

CRIME DA BARONESA, SÉC. XIX, JULGAMENTO SIMULADO

Alunos do 4º período do Curso de Direito da UNDB, sob a Coordenação Geral da professora Especialista Marineis Merçon, realizaram, dia 9 de maio, ciclo de palestras e uma simulação do julgamento da Baronesa de Grajaú, crime ocorrido em 1876, trabalho efetivado a partir da obra “*O Crime da Baronesa*” de autoria do Dr. José Eulálio Figueiredo de Almeida, juiz maranhense. Os alunos puderam discutir o impacto da acusação contra uma baronesa na Província do Maranhão, em meados do século XIX, além de tentar expressar um pouco do clima e da tensão que causou na São Luís da época o crime em que a vítima era um negro escravo. Foram apresentados, ainda, um vídeo acerca do espaço social que a Baronesa de Grajaú ocupava e uma reflexão crítica sobre o papel do negro, e uma peça teatral do julgamento da baronesa com acompanhamento musical da regente do coral da UNDB, Angélica Vieira da Silva. As apresentações envolveram 150 graduandos do Curso e o ciclo de palestras contou com a participação especial dos professores Dr. Sérgio Ferretti e Dra. Mundicarmo Ferretti, do Mestrado de Ciências Sociais e Políticas Públicas da UFMA. No término do evento a Dra. Mundicarmo doou à biblioteca da UNDB o livro organizado por ela “*Pajelança do Maranhão no séc.XIX: o processo de Amélia Rosa*”. São Luís: CMF/FAPEMA.2004 que gira em torno do processo-crime de Amélia Rosa, cognominada

Rainha da Pajelança, condenada com várias companheiras, entre as quais a mãe de dois meninos escravos mortos em São Luis no *Crime da Baronesa*. O referido processo, localizado no Arquivo Histórico do Tribunal de Justiça do Maranhão, foi transcrita por Jacira Pavão, com bolsa da FAPEMA e orientação da organizadora do livro.

NOVO DICIONÁRIO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA PROVÍNCIA DO MARANHÃO

A Academia Maranhense de Letras entrega aos pesquisadores a terceira edição - revista e ampliada pelo acadêmico e editor apaixonado Jomar Moraes - do *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*, concebido por César Augusto Marques, em 1870. Na versão 2009, Jomar Moraes nos revela um novo Dicionário, uma obra volumosa com 1.028 páginas, 1.559 verbetes e 1.508 anotações, trabalho que durou 10 anos de dedicação desse mestre em edições e reedições de livros da história e da cultura do Maranhão. O “*Dicionário Histórico-geográfico da Província do Maranhão*” é uma obra com informação sobre a história e geografia do Maranhão colonial, imperial e republicano: das invasões francesa e holandesa às povoações indígenas; da Companhia de Jesus à Companhia de Comércio; da revolta de Bequimão à Balaiada; da proclamação da Constituição Política do Império ao Governo de Jackson Lago; do Parque Antonio Vieira ao “Jornal de Timon” (de João Francisco Lisboa). Nesses 140 anos do Dicionário, vários estudiosos da história e acadêmicos em geral se debruçaram no original e contribuíram na recomposição dos apontamentos de César Marques. Num primeiro momento o acadêmico Antonio Lopes incluiu na obra novas informações. Mais adiante uma comissão formada pelos historiadores Mário Meirelles, Domingos Vieira Filho e Virgílio Domingues, analisaram os apontamentos de César Marques com o intuito de reeditá-lo. Porém só em 1970 publicou-se a segunda edição, idealizada por Raimundo Nonato Cardoso que fez a costura necessária dos originais de César Marques com as anotações de Antonio Lopes. Em 2009, do alto de seus 70 anos, Jomar Moraes nos presenteia com o resultado de seu *Curso Intensivo de História do Maranhão*.

CONTINUAÇÃO

CARTILHA DE ARQUEOLOGIA

O Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão lança a *Cartilha Arqueologia do Maranhão* visando desenvolver trabalho de educação patrimonial junto às escolas, aos freqüentadores das suas exposições temáticas e nas comunidades interioranas. Relata com ilustrações o grande potencial de nosso patrimônio arqueológico, os sítios arqueológicos identificados, assim como a presença de índios que por volta de 10.000 anos AP (antes do presente) sobreviveram praticando a caça, coleta e pesca, produzindo artefatos de pedra e assando seus alimentos em fogueiras. A Cartilha tem concepção e textos de Deusdédit C. Leite e Eliane Gaspar e Projeto Gráfico de Henrique Dias. O Centro de Pesquisa fica na Rua do Giz, nº 59 - Praia Grande - São Luis-MA. Fone (98) 3218 9906. Aberto à visitação de 2ª a 6ª

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA EM DEBATE

Fotógrafos, cineastas, produtores culturais e professores participaram do *Ciclo de Debates Fotografia e Memória: História e Políticas Públicas no Maranhão*. Entre os aspectos de reflexão estavam a fotografia enquanto expressão estética e documental e a promoção da fotografia e do audiovisual no Maranhão. O debate apon-tava para a urgência de implantação do Museu de Imagem e do Som do Maranhão. Dias 24, 25 e 26 de março. Realização: SECMA, FUNARTE/Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais, UFMA/Programa de Mestrado em Cultura e Sociedade/Núcleo de Etnologia e Imagem; UEMA/Centro de Ciências e Tecnologia/ Curso de Arquitetura e Urbanismo.

IV SEMANA DO TEATRO DO MARANHÃO

A Diretoria do Teatro Arthur Azevedo realizou, no período de 23 a 29 de março, a IV Semana do Teatro no Maranhão. Com o tema Abrindo Cortinas para o Mundo, levou para teatros, museus, praças e sedes de grupos teatrais em São Luis e aos municípios de Vargem Grande, Miranda do Norte, Paço do Lumiar, Cururupu, Humberto de Campos, Bacabal e Arari, de 01 a 05 de abril, espetáculos, performances, oficinas palestras, cortejo, leituras dramática e exposição.

HISTÓRIA DO MARANHÃO OTOCENTISTA

O Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão realiza *Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*. A conferencia “As províncias e a construção do Estado Brasileiro” pelo Doutor Théo Lobarinhas Piñeiro (UFF) abriu o evento e as mesas-redondas sobre o Maranhão Oitocentista deram enfoque: a construção do estado; à escravidão; à religião; aos documentos e arquivos; aos gênero e família; à literatura; e ao ensino, livro e leitura. Dias 22 a 24 de abril.

MÚSICA NO MUSEU 2009/O ANO DE VILLA-LOBOS

A Diretoria do Museu Histórico e Artístico do Maranhão recebeu dia 26 de março o *Quarteto Colonial*: Dorian Mendes, Daniela Mesquita, Geilson Santos e Luiz Kleber Queiroz que interpretaram Canções Brasileiras de Villa-Lobos ao século XXI. O projeto Musica no Museu, patrocinado pelo BNDES/Lei de Incentivo MinC, comemora os 50 anos da morte do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos. Direção de Sérgio da Costa e Silva.

MUSEUS E TURISMO: VIAJE NO TEMPO

Os museus de todo Brasil comemoram o 18 de maio – *Dia Internacional de Museus*, com a 7ª Semana Nacional de Museus. Este ano o tema *Museus e Turismo* é uma demonstração da potencia, da atualização e do desenvolvimento do campo museal do Brasil, bem como da importância de se investir na relação *museus e turismo*. O MHAM abriu a Semana com a palestra *Museu - Equipamento Turístico como Meio de Comunicação e Informação*, proferida pelo Prof.Dr. Francisco Gonçalves da UFMA.

MUDANÇAS NA SECMA/ GOVERNO ROSEANA

A posse da Governadora Roseana nos trouxe novo naípe de administradores da SECMA, alguns já empossados: Secretário de Estado da Cultura – Luis Henrique de Nazaré Bulcão; Secretaria

Adjunta – Marlildes Mendonça; Superintendente de Cultura Popular – Sérgio Habbibe; Diretor do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho – Sebastião Cardoso Junior; Diretor da Casa de Nhozinho – Jandir Gonçalves; Superintendente de Programa Mais Cultura – Cláudio Pinheiro; Superintendente de Ação e Difusão Cultural – Wellington Reis; Diretor do Centro Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão – Deusdédit Carneiro Leite Filho; Superintendente de Patrimônio Cultural – Margaret Figueiredo; Teatro Arthur Azevedo – Roberto Brandão; Museu Histórico e Artístico do Maranhão – Maria Luisa Raposo; Diretor Biblioteca Pública Benedito Leite – Rosa Maria Ferreira.

A CULTURA NA PREFEITURA MUNICIPAL

O prefeito João Castelo, formou a sua equipe, para administrar a cultura de São Luís, com nomes conhecidos nos festivais de cinema e de música: Fundação Municipal de Cultura – Euclides Moreira Neto; Chefe de Gabinete – Mauro Falcão; Coordenador Financeiro - Márcio Berredo; Coordenador de Eventos – Fernando Oliveira; Assessor de Imprensa – Joel Jacintho; Assessores Técnicos – Breno Ferreira, Celso Brandão e Francisco Colombo

CLAUDETE NA SECRETARIA DE IGUALDADE RACIAL

Claudete Ribeiro, professora de História aposentada da UFMA e ex- Presidente da FUNAC, tomou posse como Secretária de Igualdade Racial. A professora tem uma vasta experiência em questões relativas ao povo negro e atualmente trabalhava com adolescentes em situação de risco, no Coroadinho.

PERDA DE MESTRE POPULAR

Antonio Vieira – morreu, na manhã de 7 de abril, aos 88 anos, no UDI Hospital, vítima de acidente vascular cerebral, e enterrado dia 8 no Cemitério do Gavião. Artistas de todas as vertentes fizeram homenagear o mestre Antonio Vieira, compositor, cantor arranjador e percussionista, que faria 89 anos, dia 9 de maio. Suas músicas foram gravadas por Rita Ribeiro, Rosa Reis, Mano Borges, Elza Soares, Sivuca, Ary Lobo e Zeca Baleiro, citando alguns.

PERFIL POPULAR

Mestre Antonio Vieira

Nívea Saraiva²⁰

Antônio Vieira, a escolha do nome parece ter sido premeditada, fruto de um amor tropical entre Seu Wilson Vieira e Dona Itamar Farias, nasceu na Rua de São João, centro de São Luís, aos 09 dias do mês de maio do ano de 1920.

Nascido em família humilde, Mestre Vieira como ficou eterna e carinhosamente conhecido, dividia com mais 03 irmãos os cômodos apertados de sua casa. O primogênito da família Vieira logo cedo seria apadrinhado pela família Lomba (descendente de portugueses) que lhe proporcionou novas possibilidades oportunamente aproveitadas. Sua adolescência rotineira e disciplinada, o transportaria para um “mundo paralelo”, imaginário e proibido: o mundo da música. O retorno para a casa dos pais biológicos, devido o falecimento do padrinho João Batista, foi marcante em sua vida, realidades diferentes despertaram em Vieira reflexões em torno da sociedade, presentes em suas composições.

Concluído o curso de Contador pela Escola Superior de Comércio Centro Caiçearial transitou em várias áreas profissionais: milícia de guerra, mecânico, comerciante, motorista, diretor administrativo hospitalar... Até se dedicar exclusivamente ao mundo mágico da música. Sua primeira composição, *Mulata Bonita*, ocorrida aos 16 anos, retratou sua visão apaixonada pela vida e claro pela mulher maranhense: “Isso não é mais do que uma ode elogiando a beleza da mulata, eu acho que as mulatas são perfeitas de corpo, são mais bonitas que as brancas, a música foi para todas as maranhenses”, segundo ele (2004).

Freqüentador de programas de rádio, se dizia “macaco de auditório” da Rádio Timbira, sua primeira apresentação profissional nos idos de 1942, foi realizada no

conjunto vocal Anjos do Samba, a partir daí Antonio Vieira despontaria para uma trajetória musical que o levaria ao reconhecimento e sucesso a partir da gravação do compacto *Velhos Moleques* participando de diversos conjuntos musicais: JB Trio, Tira-Teima, Bambaê, Urubu Malandro, citando os mais conhecidos.

A primeira composição gravada em sua voz foi “Na cabecinha da Dora”, no vinil *Velhos Moleques*, em 1986. Parcerias com grandes amigos enriqueceram seu acervo: Nascimento de Moraes Filho, Lago Burnett, Pedro Giusti, Oton Santos, Lopes Bogéa com quem, inclusive, lançou o livro e vinil *Pregões de São Luís*.

Seu primeiro trabalho solo, CD-*O Samba é bom*, foi lançado somente em 2001, a partir daí maranhenses se renderiam ao talento dessa pérola negra. Seu cancionismo foi várias vezes premiado: II Festival Música Nova no Maranhão Novo, Festival A Voz de Ouro do ABC (SP), indicação no Prêmio Sharp, Personalidade Cultural do Maranhão, Prêmio Universidade FM, Festival de Música Carnavalesca...

Antônio Vieira, compositor, intérprete, percussionista e arranjador, tornou-se um dos mais completos representantes do universo musical maranhense, alcançando também sucesso nacional, fez da música sua razão de ser, é dono de um estilo ímpar de compor e interpretar o Maranhão, suas quase 400 composições entre sambas, valses, canções, marchas, toadas e boleros foram inspiradas no cotidiano popular com temas regionais e influenciadas pelo talento de grandes referências artísticas locais: Armando Cavalcanti, Nilton Vieira, Ser-



gio Miranda, Agostinho Reis, Messias, Pedro Giusti, Sidney Maciel... Assim como Noel, Ary Barroso, Lupicínio...

As composições do Mestre Antônio Vieira refletiam uma visão particular de mundo, poemáticas-reflexivas, não retratavam um Maranhão ilusório e sim o real, vitimado pelas mazelas humanas. Sua música sempre o rejuvenesceu, ele sempre dizia que não sentia a velhice chegar porque se refugiava nesse mundo atemporal acompanhado de seu inesquecível violão. Falecido a sete de abril de 2009, Antônio Vieira foi coroado “anjo do samba”.

Finalizo com uma frase de nosso eterno Mestre que sempre foi motivo de nossas inúmeras discussões, a valorização de nossa cultura: “Meu maior desejo é que o povo brasileiro escute a minha música; não há glória maior para o compositor”.

Que seja feita a sua vontade!

²¹ Nívea Saraiva dos Santos - Especialista em História do Maranhão (UFMA); Professora do Ensino Público e pesquisadora da vida e obra de Antonio Vieira.



SECMA
Secretaria de Estado da Cultura
Superintendência de Cultura Popular